O CORREIO

Director-Gerente
A. R. d'Azevedo Bastos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor
Bento d'Oliveira e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manuel, 177 - 1.º — Porto
Composto e impresso na Typographia Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27—Porto.
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo 12-1.º

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO
1.º ANNO — N.º 4 — Avulso 20 rs.
Sabbado, 28 de Dezembro de 1912

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.os, 1$000 reis — Serie de 26 n.os, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal)—serie de 52 n.os, 15 francos (ou 3$000 reis). Serie de 26 n.os, 8 francos (ou 1$600 reis). Brazil: serie de 52 n.os, 6$000 reis (moeda brasileira) Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

É NOSSO AGENTE EM PARIS

O SNR.

ALVARO PINHEIRO CHAGAS

a quem deve ser dirigida toda a correspondencia relativa a assignaturas, annuncios e collaboração do Estrangeiro.

É NOSSO CORRESPONDENTE EM PARIS

O SNR.

JOAQUIM LEITÃO

ESCRIPTORIO
DA AGENCIA DE **O CORREIO**,
EM PARIS:

26 — Rue Feydeau — 26

TELEPHONE, 275—56

Endereço telegraphico: *Correio Businavis—Paris.*
Endereço postal: *Correio Business—26—Rue Feydeau—Paris.*

O CORREIO

Em Paris: — Vende-se no kiosque n.º 10, em frente ao «Grand Café», Boulevard des Capucines.

SUMMARIO

—**Pathologia da Republica** — por DOUTOR THALASSA.
—**Notas de um lisboeta** — por ANSELMO.
—**Echos.**
—**A Caminho de Constantinopla** — por AYRES DE ORNELLAS.
—**Entrevista com o tenente Saturio Pires** — por JOAQUIM LEITÃO.
—**Phantasias** — *A Eleição do Presidente* por ANSELMO.
—**Carta de Lisboa** — por RAUL.
—**Entrevista com Pierre Laffite** — por JOAQUIM LEITÃO.
—**Lições de mêdo** — por G. M. G.
—**Semana mundana** — por ANSELMO.
—**Folhetim — Chica** por ANSELMO.
—**Chronica da vida nacional** — por ANTONIO LANÇA.
—**Blagues.**
—**Theatros.**

Pathologia da Republica

Paralysia representativa

Vamos já, leitor benevolo e amigo, no terceiro mez do anno terceiro da nossa luminosa, gloriosa e fraternal Republica. E, com tudo, sendo este regimen essencialmente representativo, a Republica portugueza parece fugir da Urna como o diabo da cruz.

Em primeiro logar, o governo provisorio, de saudosa memoria, dilatou o mais que pôde o periodo dictatorial, sem mostrar morrer d'amores pela consulta á Soberania popular, tão thuriferada, tão exaltada, comtudo, nos tempos mythologicos da propaganda revolucionaria. Pelos methodos e processos, que já republicanos conspicuos e ingenuos devidamente denunciaram e qualificaram, elegeu-se... por obra e graça do Directorio, uma famosa Constituinte, que se notabilisou entre as mais mediocres e subalternas assembleias legislativas de que resa a historia.

E depois d'isso—não se elegeu mais nada!

A Constituinte, realisado o seu especial mandato, devia, segundo as velhas praxes do Direito Publico, dissolver-se para que o paiz elegesse as primeiras camaras ordinarias do nosso regimen. Assim devia ser, na verdade. Devia ser—mas não foi...

Com espanto geral se viu que essa assembleia, cujas funcções êram especialissimas, desde que as realisou a si proprio se decompoz em Senado e Camara dos Deputados e, para que os eleitores não fossem tão cedo importunados com maçadas, votou a indissolubilidade do pensamento, o que deixa as urnas em santo repouso por uns bons e longos tres annos.

Mas, em summa, se não era preciso, graças áquelle habil expediente, eleger de novo deputados e senadores, parece que, n'uma boa e authentica Republica, não seria favor insigne consentir ás localidades, concelhos ou parochias, que elegessem ellas os seus mandatarios.

Nem isso, porem!

A Republica, toda enlevada na sua obra de destruição do passado, não teve tempo para pensar na reforma administrativa que, ainda a estas horas, o Congresso vae pachorrentamente discutindo nas horas vagas. E, pesar de ter substituido o Codigo de 1896 pelo de 1878, ou, antes, de ter amalgamado os dois, porque d'um ou d'outro se serve conforme as suas conveniencias—não se resolveu a convocar os collegios eleitoraes, para que fossem ao menos eleitos do povo aquelles a quem se confiava a direcção da vida adminstrativa do paiz.

Ao contrario, mal n'isso se fallasse, logo os elementos mais radicaes se erguiam, voz em grita, a protestar contra a ideia de eleger camaras ou juntas de parochia—embora o Snr. Camacho e o Snr. Antonio José d'Almeida bradassem por eleições, n'aquelles altos gritos com que os meninos relamam das mamans ou das amas a colher da Emulsão Scott.

Tudo—menos eleições! Tudo menos a Urna! Tudo menos o exercicio de Soberania nacional! Mas porque. Santo Deus!? Porque esta resistencia ao *self gouverneent*, n'um regimen que o deve ter por base? Porque este horror ao voto, esta reluctancia ao suffragio? Porque esta contradicção, que tem como resultado o fazer de uma patente Republica a mais authentica e perfeita das autocracias, em que tudo dimana de cima, em que todos os poderes são outhorgas do poder central?

Singular Democracia esta, que parece atacada d'uma paralysia geral nas suas funcções representativas! A gente vê isto, palpa-o, verifica-o—e recusa o testemunho flagrante da realidade.

Mas, no fundo, a coisa é simples, simplicissima mesmo.

Em contrario da theoria official da revolução de 5 d'Outubro, que a considera um grande *movimento nacional*, não falta quem n'ella apenas veja uma usurpação violenta, que o mais phenomenal dos bamburrios coroou do exito mais inesperado e improvavel. A Republica, segundo estes hereticos, não teria vindo do intimo da nação, dos seus sentimentos, das suas convicções, da sua vontade soberana, como uma planta vem do seio da terra onde a sua semente germinou, segundo as leis da vida. A Republica não teria sido uma creação espontanea e natural, uma fatalidade historica determinada pela logica dos acontecimentos, pelas correntes da opinião. Não, a Republica, teria sido sómente uma opposição ou sobreposição artificial, uma coisa extranha, postiça, apenas pousada á superficie da nação e da sociedade portugueza. Mais nada.

Em tal caso, as correlações que ha entre a Republica e o paiz são as mesmas que existem entre um chapéo e a cabeça que elle cobre: relações de contacto apenas, sem nenhuma ligação intima, sem sexo de qualquer natureza, sem raizes que estabeleçam relações vitaes entre os dois.

Ora sendo assim, percebe-se que a Republica só possa proceder com o paiz pelo methodo da *usurpação*. Usurpou o poder em 5 de Outubro, por meio de força ou, antes, pela inercia da monarchia. Usurpou depois a representação nacional, em 28 de maio, por meio d'uma nomeação de deputados feita pelo directorio. Usurpou a administração local por meio das commissões administrativas, que ainda mantem á frente dos municipios e parochias.

Fazer eleições e ir entender-se com o paiz. E a Republica treme d'esse passo. Mais d'uma vez, pela bocca dos seus coreypheus, ella tem deixado escapar a confissão de que o paiz... não está ainda republicanisado. O que quer dizer que, se lhe fôr pedir votos, a Republica receia que elle se mostre ainda... bastante monarchico. E tal symptoma no anno terceiro das Eras Luminosas, seria uma de mil diabos!

D'ahi, esta paralysia representativa de que a Republica enfermou e de que parece que não ha thermas, banhos de mar, *douches*, choques electricos, que possam cural-a.

Assim, a Republica já invalida em tão tenros annos, só poderá marchar apoiada ás muletas da usurpação. Marcha artificial, lenta, arrastada e penosa, que não se aguenta muito tempo, nem leva longe quem só com taes apparelhos consegue mover-se.

DOUTOR THALASSA.

* *

O pessimo serviço postal, tanto português como estrangeiro, n'esta epoca do anno, complicado com varios incidentes no serviço dos caminhos de ferro de Hespanha, fizeram com que nos chegassem a horas de já os não podermos publicar n'este numero, o nosso habitual artigo de fundo e varios outros artigos politicos.

* *

Notas de um lisboeta

A AMNISTIA

Depois de dois annos de prisão elle pudéra finalmente, mercê da amnistia que acabára de ser concedida a todos os presos politicos, voltar para junto da mulher que deixára radiante de mocidade e de frescura, e que vinha agora encontrar de cabellos brancos, faces chupadas, olhar amortecido,—e para ao pé das filhas, que n'aquelles dois annos de martyrios, de miseria e de lagrimas, tinham, junto da mãe silenciosa e triste, desaprendido de rir e de brincar.

Elle proprio, que para a prisão fôra desempenado e forte, pujante de vida e de vigôr, voltava agora pallido, de faces cavadas, olhos fundos, peito curvado, com uma tosse impertinente, dolorosa, que lhe sahia a custo, n'um som cavo, que resoava como que n'um vasio.

A casa que elle deixára n'um modesto conforto,—ninho bemdito em que tinham decorrido, todos aqueles annos de felicidade e de paz, no decurso dos quaes, pouco a pouco, o seu amor fôra abençoado por aquella ranchada que lhe enchera de risos o lar e a alma de alegria,—vinha elle encontral-a desconfortavel e nua, desapparecidos os moveis, que com tanto carinho fôra juntando e melhorando, desapparecidas as recordações que conservára sempre, n'um culto piedoso, atravez todas as lutas pela vida, nas difficuldades, sempre remediadas felizmente, da familia que augmentava, das pequenas que cresciam e que era preciso educar.

Tudo, tudo desapparecêra, aos poucos, no prover do indispensavel de cada dia, n'aquella casa de onde, n'uma tarde luminósa de outono, o gesto brutal e impiedoso dum qualquer esbirro, inconsciente e boçal, arrastára para um carcere lugubre o braço forte, o homem trabalhador, que a sustentava, que lhe dava vida.

Tudo aluira n'esses dois annos dolorosos, e elle, ao voltar á casa, que não tornará a ver, sentia a impressão de quem olha um campo por onde passou um vendaval, destruidor furioso, tudo tendo derrubado, tudo tendo arruinado na sua brutalidade devastadora.

Contudo, olhando em volta a casa nua e fria, elle sentia, n'aquella suprema doçura de novamente alli se ver, que tudo podia talvez perdoar, a ruina da sua casa, os annos que passára de tormentos e de martyrio, os maus tratos na prisão, os enxovalhos da multidão ululante e feroz que no caminho para o tribunal o injuriara e lhe cuspira, a perda da sua saude e a sua incapacidade de agora para o trabalho, o dispersar dos seus moveis, companheiros fieis da sua felicidade de outr'ora, tudo... que soffrera, tudo que supportára.

Mas ao olhar o rosto emmagrecido e doloroso da mulher, os seus hombros encolhidos n'um chale velho, os seus labios sem côr, ao fitar as caritas tristes e pallidas dos pequenitos, que olhavam de olhos muito abertos, em que a alegria não conseguia dissipar aquella vaga expressão de doloroso espanto, de timida interrogação, que as creanças teem quando, costumadas á felicidade, sentem que alguma cousa lhes vae faltando, que alguma cousa mudou para menos bom para menos feliz,—ao attentar nos cabellos brancos da mulher da sua pobre mulher, nas mãositas afiladas e transparentes das filhas, das suas pobres filhas, elle sentiu que não, não... que isso nunca, nunca *lhes* poderia perdoar.

E foi com lagrimas de raiva, com lagrimas ardentes, que lhe escaldavam as faces, deslisando lentas, que elle, n'um grande, n'um enorme, n'um infinito abraço, em volta de si, na cadeira em que se deixára cahir ao entrar, apertou, juntando ao seu corpo, como a querer achegal-as bem, para que nunca, nunca mais os pudessem separar, aquellas creaturas adoradas, carne da sua carne, vida da sua vida, que para alli choravam, não sabiam se de alegria por vel-o, se de tristeza por ser mais lancinante, mais intensa, a sensação da miseria, da *détresse* da sua vida, agora que alli no quadro da sua desgraça lhes não faltava aquelle que fôra a figura principal, destacando-se dominadora e fórte, no quadro risonho da sua felicidade.

N'esse momento alguem bateu á porta, e um sugeito elegante, de flôr ao peito, e face risonha, entrou.

Em silencio, um pouco surprehendido, elle esperou que o outro dissesse ao que vinha. A mulher e os filhos chegaram-se-lhe mais, n'um receio, n'um sobresalto, com uma vaga hostilidade no olhar para aquelle senhor, pimpante e janota, que assim lhes invadia a tristeza da casa.

—Permitta-me V. Ex.ª começou o recemchegado, affavel e desembaraçado, que o felicite por ter sido finalmente restituido aos carinhos de sua esposa e aos affagos dos seus filhos, emfim, por ter regressado á alegria do seu lar...

Elle, secco, interrompeu-o:

—Que deseja?

O outro, mais risonho, mais affavel, continuou em tom presuasivo:

Oh! felicital-o apenas... e saber um um pouco as suas impressões. V. Ex.ª decerto no seu espirito recto desejará por alguma forma manifestar o seu agradecimento a este governo... a este governo que, pondo de lado os protestos e resistencia de certos elementos exaltados, fanaticos não hesitou em praticar este acto de clemencia e generosidade que foi a amnistia. Como V. Ex.ª sabe é ao sr. Antonio José d'Ameida que deve, como o devem os outros, o terem sido perdoados e creio que, por isso...

N'um repellão, elle ergeu-se olhando fito o outro. Depois meigamente, affastou a mulher, arredou com um affago as filhas, e, muito pallido, com pequenas sacudidellas no peito, a reprimir a tosse impertinente, pegou no visitante por um braço e, de vagar, brandamente, quasi com delicadeza, sem uma palavra, sem um volver d'olhos, foi-o levando para a porta, para o patamar da escada.

Ahi largou-o, mas de chôfre com o que n'uma curiosidade subita, agarrando-o pelos hombros, voltou-o violentamente para si. Em silencio olhou-o com vagar. Attentou-lhe na face corada e fresca, respirando saude, no olhar brilhante, no bigode retorcido; fitou demoradamente, como n'uma abstracção, a rosa branca da lapella, o alfinete de brilhantes, a cadeia de ouro.

Por fim olhou-lhe de novo o rosto, e, de subito, encolhendo mais o peito, rete-

zando as pernas, fincando-lhe fortemente as mãos nos hombros, n'um arranco, por duas vezes lhe cuspiu na face luzidia e pimpante.

Depois, fechando a porta, voltou docemente a juntar a si, n'um abraço enorme, n'um abraço infindo, a mulher e as filhas.

. . . . . .

No dia seguinte os jornaes diziam que o governo recebera commoventes manifestações de reconhecimento de inumeros amnistiados restituidos, pelo seu acto de generosidade e de perdão, á felicidade e á paz de seus lares.

ANSELMO.

ECHOS

De varias difficuldades

A quem, como nós, está escrevendo n'um periodico que só de oito em oito apparece a publico, não se torna facil a tarefa da critica dos acontecimentos, sobretudo dando-se o caso de, por circunstancias especiaes, a noticia d'esses acontecimentos só a nós chegar alguns dias depois de elles se terem dado, e muitas vezes, quando já outros, de maior importancia ou de mais pittoresco aspecto, se lhes succederam no interesse e na curiosidade do publico.

Fosse o periodo que atravessamos um periodo de paz, de tranquilidade e... de logica, e já mais facil a tarefa nos seria, pois cada acontecimento, digno de menção rasoavelmente nos daria tempo a que, antes d'elle pudessemos apreciar o anterior.

Mas nos tempos que vão correndo a embrulhada é tal, os acontecimentos succedem-se com tanta rapidez, e por uma forma tão imprevista, que quando chega a noticia sensacional d'um caso estupendo quasi sempre outro, mais estupendo ainda, lançou já na penumbra o primeiro, ou quando lançamos mão da penna para apreciar, por exemplo, um... suppunhamos um golpe do Estado, que se annunciava, já outro, que não o mesmo, se tentou... e falhou.

Epoca pois difficil esta para um jornalista nas nossas condições, epoca sobre todas difficil porque nem sequer nos permitte, para ganhar tempo, que, n'uma previsão, esbocemos uma critica de acontecimentos, que a logica indica deverem ser a resultante de certos factores já conhecidos, pois que, desde a implantação da Republica, desorientadoramente, a resultante é sempre... uma outra, e em geral a menos logica, a menos de prever.

N'este momento, por exemplo, começamos escrevendo quando ante nossos olhos se apresenta um artigo do *Mundo*, em que afflictamente se appella para os bons republicanos de todos os partidos, afim de que não seja levado a effeito um... um... emfim, que não seja levado a effeito certo acto de que para ahi se falla correntemente, attribuindo-se-lhe o proposito justamente ao grupo do *Mundo*, e que este attribue aos outros.

Claro está que d'esta vez, por ser illogico, não é difficil de prevêr que ninguem escuta as afflictivas improrações do *Mundo*, nem os outros, nem elle proprio, e que portanto não é arrojado desde agora considerar já como assente que esse... tal acto, mais tarde ou mais cedo se dará.

Mas... como aprecial-o, nas circunstancias em que estamos, se é impossivel adivinhar, não só as condições em que elle se dará... mas ao menos quem o pratica... pois no desejo de poi-o em pratica estão, cada qual com o seu intuito, grupos de todas as nuances politicas, desde o demagogico *Mundo* até ao *tem-te não caias* evolucionismo, passando pelo unionismo azedo e pelos independentes gaiteiros? Qual d'elles será o primeiro? Quaes serão os que apparecerão a protestar contra e... e contra esse tal acto, por outros o terem praticado antes d'elles?

E, se n'um prodigio de adivinhação acertassemos no *palpite* do primeiro chegado na corrida, como criticar esse... esse tal acto praticado por tal grupo, se ao publicar-se-lhe a critica, muito possivelmente outro identico já terá sido posto em pratica, como resposta ao primeiro, pois já lá dizia o outro que o comer, o coçar e o... o... e, por exemplo, o dar golpes de Estado, está no começar.

Que a cousa se faz... não pode haver duvidas, pois n'isso são bem terminantes todos os jornaes.

Mas quem será... o primeiro a pol-a em pratica?... E não se lhe terá succedido já o outro, o segundo... prenuncio do terceiro?

Decididamente a situação é-nos difficil nas circunstancias em que estamos, e o melhor é ter o leitor paciencia, e olhar na *Carta de Lisboa* e na *Chronica* a referencia aos acontecimentos mais recentes, deixando que n'esta secção corrâmos o risco de estar, por exemplo, ás turras com o sr. Cerveira de Albuquerque suppondo-o ainda republicano desde os bancos das escolas, quando S. Ex.ª já tenha voltado a ser monarchico convicto desde creança.

Opinião insuspeita

O sr. Leotte do Rego declarou no *Centro Botto Machado* que foi devido á politica, pela sua infiltração no exercito e na marinha, que a defeza nacional chegou á miseria em que se encontra.

A opinião do sr. Leotte do Rego é insuspeita. S. Ex.ª, que é official de marinha, militou em varios partidos politicos no tempo da Monarchia, por serviços politicos a esses partidos foi nomeado para varias e excellentes commissões, por politica foi feito governador de S. Thomé, e por politica, d'esse logar foi demittido, pois nem tudo são rosas n'este valle de lagrimas.

Mas... a proposito nos occorre uma pergunta, a que talvez o sr. Leotte do Rego nos possa responder.

Não terá tambem concorrido alguma coisinha para a miseria a que chegou a defeza nacional o facto de alguns officiaes de marinha, no tempo da Monarchia, e não sabemos se tambem na Republica, em vez de fazerem o seu serviço de marinheiros, andarem pedinchando os rendosos logares de governadores no ultramar, ou proveitosas commissões nada dando que fazer?

Nós não o sabemos, mas talvez o saiba o sr. Leotte do Rego, que tão furioso andava quando o demittiram de governador de S. Thomé, de certo por entender que n'aquelle rendoso logar é que estava concorrendo muito, mesmo muitissimo, para que a defeza nacional chegasse á miseria em que está... coitadinha!

O Espadarte

O *Intransigente* pergunta para onde vae o submersivel *Espadarte*, se para o Barreiro, se para Cacilhas, para Belem, Nazareth ou Egypto?

E' claro que não somos nós quem pode responder com precisão á pergunta do *Intransigente*, mas em todo o caso crêmos que não será arrojo dizer que— a avaliar pelo que tem succedido n'estes ultimos dois annos com os navios de guerra, e, sobretudo, com a descoberta recentemente feita de não serem culpados os officiaes que atiram os navios para cima dos rochedos, visto provar-se não ter havido *premeditação*,—embora se tenha provado ter havido *impericia*,—o que é mais provavel é que o *Espadarte* não vá nem para o Barreiro, nem para Cacilhas, nem para Belem, nem para Nazareth, nem para o Egypto, mas muito simplesmente para a doca de reparações no Arsenal.

Partidos

Como se ainda fossem poucos os partidos que para ahi andam ás turras na ancia de apanhar o poder, falla-se agora na formação de mais outro: o partido do trabalho.

O *Intransigente* já sobre o caso alguns artigos escreveu e n'um d'elles revela que activamente se procura organisar no Parlamento um grupo, que represente esse partido.

Affigura-se-nos que, sendo exacta a revelação do *Intransigente*, o novo partido começa, como aliás começaram todos os outros, por faltar escandalosamente ao seu programma, pois que, sendo um partido que se intitula *de trabalho*, começa por ir procurar representantes seus entre os membros de um Parlamento que tudo tem feito... menos *trabalhar*.

Admiração!

A *Lucta*, constatando haver monarchicos em França, opina não ser de admirar que ainda os haja em Portugal.

Perfeitamente de acordo.

O que é de admirar é que ainda haja republicanos.

Com dois annos de Republica como esta, é preciso realmente que as suas convicções sejam muito...

Arreigadas?

Não, senhor... E' preciso que sejam muito bem remuneradas.

Cruzamento

A *Patria*,—que tem como secretario da redacção aquelle senhor Henrique de Vasconcellos, que no tempo da Monarchia era tudo quanto havia de mais azul e branco... perdão!... de mais azul e mulato,—refere-se á viagem de El-Rei dizendo que naturalmente Sua Majestade andou offerecendo parte do territorio portuguez ás potencias estrangeiras, para que ellas o ajudem n'uma restauração.

A insidia,—que tem todas as caracteristicas de cruzamento original,—é, alem de tudo o mais, profundamente disparatada, pois ninguem se poderia lembrar de offerecer ás potencias estrangeiras em troca fosse de que fosse, uma cousa que, a avaliar pelo que se está passando com Angola, as potencias veem que os governos republicanos se mostram dispostos a dar-lhes... sem condições.

Tout passe

A *Lucta* noticiando a nomeação do coronel Papavitch,—ah! senhores... muito nos faz lembrar este coronel o ultimo ministro da guerra da Monarchia!—para commandante em chefe das forças servias, observa o seguinte:

Este coronel foi um dos officiaes que tomaram parte no «complot» que teve como consequencia a morte do rei Alexandre e da Rainha Draga.

Tout passe...

E' certo... tudo passa...

Até mesmo a Austria, que qualquer dia passa... a fronteira Servia.

Adeantados

Notam as *Novidades* que a *Lucta*, sempre que se refere á Monarchia, diz a *monarchia dos adeantamentos*.

Pois olhem as *Novidades* que se attentarmos nos nomes de muitos adhesivos e nos dos ministros da Monarchia que os republicanos hoje affagam, se não se pode chamar á Republica, a *republica dos adeantamentos*,—o que aliaz resta provar,—pode-se-lhe talvez chamar a *republica dos adeantadores e desadeantados*.

E, se não, consultem as *Novidades* a lista das pessoas a quem o sr. Teixeira de Souza fez adeantamentos, e notará que na Republica estão hoje quasi todos esses adeantados.

Depois attente que republicanos são os srs. Augusto José da Cunha, Teixeira de Sousa e Anselmo de Andrade, que o era Fuschini, é que o não é, mas parece sel-o, o sr. Villaça, e observará que assim na Republica estão quasi todos os adeantadores.

E se o sr. Antonio José d'Almeida tivesse sido bem succedido nas suas *démarches* era provavel que os republicanos não tardassem muito a declarar que illegal, illegal, só tinha sido um ou outro adeantamento feito por algum ministro que não tivesse adherido.

Lamentavel!

O sr. Sá Pereira, illustre deputado, queixou-se ha dias na Camara de que os seus collegas, quando elle começa a fallar, desapparecem da sala das sessões.

Consideramos deveras lamentavel o facto, que se nos affigura amistoso, pois os senhores deputados não abandonam a sala quando falla o sr. Victorino, que aliás ainda é mais maçador que o sr. Sá Pereira.

Se os deputados tambem sahissem quando o sr. Victorino falla, já se sabia que era para não estarem para maçadas.

Mas assim vê-se logo que é por birra especial com o snr. Sá Pereira, e isso é deveras lamentavel.

Perguntas

A *Patria*, referindo-se ao presidente da Camara dos Deputados, pergunta o que fez elle, o que produziu elle em toda a sua carreira politica, para que o chamas sem ao exercicio de um cargo de tal responsabilidade e importancia.

Mas então na Republica é preciso alguma cousa ter feito, alguma cousa ter produzido para ser chamado ao exercicio de um cargo importante?

E nós que snppunhamos que tal não era preciso!.. E suppunhamol-o porque, emfim, ...o sr. Estevão de Vasconcellos foi chamado a exercer o logar de ministro do fomento.

Que teria feito, que teria produzido o director da *Patria* para ser chamado a a ministro?

Um futuro edil

A *Patria* porque a Sociedade Nacional de Bellas Artes pretende que na futura vereação de Lisboa figure um artista, para que á cidade não falte o plano dos melhoramentos estheticos, pergunta porque não hade ter a futura vereação um homem de lettras, para cuidar dos lettreiros das ruas.

Achamos muito razoavel a ideia que tem a vantagem de tornar aproveitavel o talento de litterato do sr. Henrique de Vasconcellos.

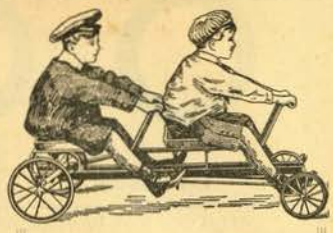
Estamos certos que Sua Senhoria escreveria, por exemplo, um excellente lettreiro para a Rua das Pretas e outro não menos excellente para o bêco da Mulata.

Noticiaram os jornaes que n'uma aldeóla qualquer dos arredores de Lisboa, um sujeito, sendo padrinho do baptismo de uma creança, poz ao affilhado, como homenagem á Liberdade, o nome de Libertino.

—Ainda bem, dizia a mãe da creança no dia seguinte ao do baptisado, ainda bem que já não é costume dar ás crianças o nome dos padrinhos.

—Porquê?

—Porque se não fosse isso lá se me chamava o pequeno, Palerma.



Aos paes que velam pela saude de seus filhos, recommendo este apparelho, porque é tambem aconsalhado pelos mais distinctos clinicos.

Bazar Esmeris

Clerigos, 70

A Caminho de Constantinopla

III

O correspondente do *Daily Telegraph*, mr. Bennette Burleigh, enviou ao seu jornal em data de 14 o seguinte despacho de Sofia:

«Um grande numero de personagens politicos persiste em não crer na proximidade da paz. Desconfiam dos Turcos e insistem na posse de Andrinopla para a Bulgaria e no porto do Adriatico para a Servia. Pela minha parte posso assegurar que Andrinopla cahirá logo que os alliados o queiram. Das posições hoje occupadas, Bulgaros e Servios podem pulverisar as duas ultimas de fogos principaes da cidade ou reduzil-a a cinzas no espaço de um dia e sem perder um soldado.

Não se deve perder de vista este facto, nem esquecer que a Bulgaria e a Servia dispõem actualmente de cem mil homens mais do que ao iniciar as operações. Qualquer que seja o numero de homens que a Turquia possa ainda chamar ás fileiras, com os seus meios de communicação e de transporte actuaes, não poderá ter para uma proxima campanha mais de trezentos mil homens que os alliados balkanicos podem facilmente repelir ou exterminar. *Escrevo estas palavras depois de maduramente as ter pesado.*»

Estas palavras, de facto, definem com precisão e clareza a situação militar ao abrir da conferencia dos embaixadores que segunda-feira passada sir Edward Grey installava no historico Palacio de S. James. E ao mesmo tempo a referencia aos meios de communicação e transporte *actuaes* da Turquia, dá-nos a razão pela qual a Grecia quiz ficar fora do armisticio que os restantes alliados assignaram em 20 do mez findo, dando uma prova ainda da intima união entre elles o do bem combinado da sua acção.

De facto sendo a Grecia a unica potencia naval da coalição e continuando ella a guerra impede os abastecimentos e difficulta os transportes maritimos da sua inimiga, podendo ainda pela ameaça aos Dardanelos que a victoria alcançada á bocca do Estreito ainda antes d'hontem 16 veio tornar mais effectiva, pesar singularmente sobre o decorer das negociações.

Quer dizer, militarmente, o problema que os alliados tinham defrontado, está resolvido ao abrir das negociações: tem a Turquia á sua mercê. Se a *Europa* os deixasse andar, estavam em Constantinopla quando quizessem. Estava terminada na Europa a questão do Oriente; a victoria da Cruz sobre o Crescente era definitiva e completa.

Recusa-se assim o mundo civilisado a estabelecer no Oriente e sobretudo na propria Europa uma paz duradoira, efficaz, pratica, tomando por base as revindicações balkanicas, que a final de contas não traduzem senão o direito sagrado dos povos e das nações de viverem, livres, a sua vida. Pelo contrario vae procurar manter-se uma existencia tão ficticia como precaria a um Estado, que acampado ha seculos na Europa, não exerceu outra acção alem d'um jugo oppressivo e tyrannico.

D'onde vem uma tão estranha e obscura anomalia?

Com o nome de Triplice Alliança e de Triplice Entente, congregaram-se as grandes potencias europeias em dois grupos

dos quaes *um só* tem politica definida, orientação segura, e sabe o que faz. Desde que no congresso de Berlim Bismarck rasgando o tratado de San Stefano, com a cumplicidade da Europa inteira, certava á Russia o caminho de Santa Sophia, a politica allemã assumiu ácerca da Turquia uma attitude precisa e constante, pondo ao seu serviço o methodo inflexivel e a força brutal que o Chanceller de ferro lhe deixou como tradição. Essa politica tem ha trinta e tantos annos dois objectivos claros, abrir ao pangermanismo, com a posse de Salonica, o mar Egeu para assentar n'uma base d'operações inalievavel senhorio economico da Asia Menor.

Por isso, o Imperio ottomano, se tornou durante a longa embaixada do Barão de Marshall em Constantinopla, uma coisa allemã.

Nesta acção a Allemanha lutherana tem tido como agente dedicado a Austria catholica. Quando Bismarck depois de Sadowa resistiu ás exigencias do Estado Maior que queria, como depois em França, uma annexação de territorio, preparava com extraordinaria sagacidade politica, o seu agente mais util naquelle a quem acabava de esbulhar para sempre da Coróa Imperial allemã. Contava ainda naturalmente, com a sua admiravel psychologia, que o velho orgulho allemão dos Habsburgos lhes não faria nunca aceitar a missão logica do Imperio Austriaco depois de Sadowa, a de constituir com a federação das suas nacionalidades um novo Imperio Slavo. «Eu antes quero ficar como um soldado de sentinella á tenda de campanha do Imperador allemão, do que ser chefe d'um Imperio Slavo!» Esta phrase que se attribue a Francisco José explica em muita coisa a attitude actual da Austria, a sua mobilisação, as suas ameaças á Servia, todo o constante ruido de guerra estabelecido em volta d'ella, contrastando curiosamente com a apparente indifferença da Allemanha, e o seu completo socego perante o que se está passando. Não se querendo ver chefe d'um Imperio Slavo, muito menos pode Francisco José acceitar que uma Bulgaria e uma Servia surjam formidaveis a ameaçar attrahir e deslocar do Imperio os 22 milhões de Slavos que são ainda actualmente seus subditos. Na defeza da sua existencia como Imperio Allemão, guarda os interesses da monarchia Prussiana. A politica allemã na questão do Oriente vê-se clara e definida. E' o que poderiamos chamar uma politica *d'ataque*, ou pelo menos, *offensiva*.

Talvez nem chegue a ser uma politica *defesiva* a da Triplice Entente.

Fallando no outro dia perante a commissão dos negocios externos da Camara dos Deputados, Mr. Poincaré dizia que a «politica externa de França era a pratica attenta e preseverante das nossas amizades e das nossas alliances»

E' uma phrase d'advogado que não significa muita coisa. No fundo é a confissão de que a França não tem força para ter uma politica externa sua. E então quer praticar a da *amizades e alliances*.

Como fiar da amizade britanica? Já lá vae o tempo em que um ministro *whig*, Palmerston ameaçava atear a guerra na Europa inteira por causa de Mehemet Ali. Agora Mr. Asquith contenta-se com a politica do *facto consumado*. Sob o seu regimen radical, que lenta mas seguramente está preparando ao Imperio Britanico a sorte e o fim do Imperio ottomano, a Gran Bretanha desinteressou-se abertamente dos grandes problemas mundiaes que outr'ora só a sua acção resolvia; neste momento volta ao devaneio do entendimento com a Allemanha, prestando-se até talvez a collaborar com ella. Tambem Disraeli e Salisbury, no Congresso de Berlin, serviram a politica de Bismarck.

E a alliança russa? Quererá a Russia tomar clara e abertamente o partido dos Slavos? Ha quatro annos deixou-se ficar passivamente quando a Austria annexou a Bosnia e a Herzegovina. Não parece agora ter-se commovido muito mais quando o Chanceller allemão declarou no Reichstag que o Imperio Allemão estaria ao lado do Austriaco logo que uma terceira potencia interviesse na luta possivel com a Servia.

Tal é a situação que se apresenta ao abrir em S. James a conferencia que vae decidir os mais graves interesses que ha um seculo se debatem. Porto Servio no Adriatico, autonomia da Albania, internacionalisação de Salonica, são formulas que mal disfarçam a questão brutal, a de saber se a Austria ameaçando esmagar a nação Servia, quer abrir o caminho do mar livre ao Imperio Allemão! Mas quem tem interesse em ver assim a Peninsula dos Balkans prolongar effectivamente esse Imperio? Não é a Russia, protectora nata dos Slavos, não o deve ser a Gran-Bretanha, que deixaria assim nas mãos da sua rival, e incontestado o velho *Caminho por terra* para a India; menos ainda o poderia aceitar a França pois isso representaria a sujeição do mundo civilisado á acção allemã, o rompimento total por largo tempo e contra si, do equilibrio europeu. A Justiça, a Razão, o Direito, impõem pois á Triplice Entente, sob pena da sua propria existencia, o appoio decidido e resolvido até ao extremo, das revindicações dos alliados balkanicos. A paz duradoira só póde sahir d'essa solução, d'esse equilibrio de forças; não se trata só de saber se a Bulgaria vae ter Andrinopla, Scutari o Montenegro e os Gregos Janina. Vae decidir-se se a Triplice Entente tem ou não força para equilibrar a Potencia Allemã.

That is the question. Eis o problema que póde ter em germen a Guerra Europeia.

Paris, 18-12-912.

AYRES DE ORNELLAS.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos presados assignantes das provincias que vamos enviar-lhes pelo correio, á cobrança, os recibos de suas assignaturas, e pedimos-lhes a fineza de os satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, evitando-nos assim despesas desnecessarias ou a suspensão da remessa do jornal.

EM CAÇADORES D'EL-REI

Como abortou a insurreição

Entrevista com o tenente Saturio Pires

Dentre a volumosa e muito curiosa correspondencia, que me grangeou o *Diario dos Vencidos*, á medida que ia sendo publicado no *Correio da Manhã*, houve uma carta—do tenente Saturio Pires—que, por arrojadamente sincera, a publiquei no volume.

Na hora em que muitos, dos mais affeiçoados monarchicos da ante-véspera, se apregoavam republicanos historicos, esse rapaz declarava que não estivera no Rocio com um pé na monarchia e outro na republica, que não jogára, então, como não jogava agora, com pão de dois bicos.

Achei o documento bello, e publiquei-o.

Mezes depois um rapaz alto, magro e loiro, de oculos, dirigia-se a mim, n'uma terra da Galliza.

—«Sou o Saturio Pires.»

Era o tenente de caçadores 5, Saturio Pires, que apresentando-se na Galliza, em fins de maio de 1911, provava que em outubro de 1910, não estivera tal com um pé na monarchia e outro na republica.

Sem um assômo de arrependimento, do gesto que lhe fez perder as divisas, o tenente Saturio Pires foi nas horas negras da Galliza o mesmo de quando ali chegara com a esperança no coração.

E' este tenente Saturio Pires, cujo caracter sorri para o desalento, que, com a sua auctoridade de official do batalhão de metralhadoras de caçadores 5, vae descrever a pagina, inedita, d'esse regimento no 5 de outubro.

Quasi todos os depoimentos sobre o movimento de outubro começam pelos presentimentos que a agitação de Lisboa lhes dera na tarde de 3.

Saturio Pires, originalmente e sinceramente, começa por confessar que estava longe de contar com a «procissão» para essa noite.

—Tantos presentimentos de *pavorosa* eu tive nesse desasocegado periodo que decorreu entre a subida de João Franco ao poder e a proclamação da Republica, —e só nessa noite de 3 para 4 de outubro, eu nem sequer sonhava na revolução!...

—Não andou talvez pela cidade, n'esse dia.

—Isso é que andei. Sahi n'essa tarde, e estive no Rocio com o Raul e o Damasceno, de infantaria 5. Notava-se é certo uma agitação, motivada pela morte do Bombarda, mas as manifestações, em geral contra os padres, eram feitas pelo rapazio. Muita gente no Rocio, commentando o acontecimento, grande ipasmaceira em frente ao *placard* do «*Seculo*», e mais nada. Deixando o Raul, andei um boccado com o Paes d'Almeida, tenente do districto de reserva n.º 1, e fomos passar revista á... Baixa, voltando depois até perto do Estácio, onde nos demorámos falando com o Bivar, professor do collegio Militar, e com o tenente Marreiros, quando o capitão Aguiar e o alferes Leal Dias, de caçadores 5 nos vieram dizer que havia ordem de prevenção.

O tenente Saturio Pires manda formar as guardas

—Foi para o quartel, é claro.

—Tive de ir primeiro a casa fardar-me e tão longe estava de presentir o que ia passar-se, que nem me muni da pistola. «Por qualquer coisinha, ferram-nos com ordem de prevenção!...», disse para commigo. E, suppondo que aquella seria mais uma das innumeras prevenções com que nos moiam, entrei no quartel onde já estava o commandante, tenente coronel José Joaquim Peixoto, e alguns officiaes: o alferes Urosa Gomes e aspirante Ribeiro de Menezes que haviam interrompido uma jantarada de rapazes, o alferes Martins, que estava de inspecção, e outro mais.

—Que impressão havia de momento n'esse ambiente?

—Como eu, os meus camaradas não acreditavam nada que fosse uma prevenção a sério. Tanto que, chegáram outros officiaes, e palestrou-se e leu-se os jornaes como de costume. A certa altura, o commandante e varios officiaes foram-se sumindo, á formiga, para os seus quartos. Seria meia-noite e tanto, quasi uma hora, estando o C. Dias a dizer que se ia tambem deitar, ouvimos tiros e fuzilaria para as bandas da Graça ou S. Vicente. Abrimos a janella: novos tiros e nova fuzilaria. Desci a quatro e quatro a escada dos officiaes, fui acordar a guarda e mandal-a formar, destaquei uma praça a chamar o commandante, e dirigi-me, a correr, para o Portão Sul, para mandar tambem formar a guarda. Com o Alferes Luiz Alberto d'Oliveira, que tinha ido atraz de mim, fui depois á Praça d'Armas, para recomendar vigilancia á sentinella, que nos disse «*haverem passado para o lado da igreja alguns officiaes*»,—ao que o 1.º sargento de guarda (o sargento Santos que, só depois o soube, estava feito com os revoltosos) objectou que era um capitão de infantaria 5 que morava para os lados da igreja de Santa Cruz. Essa informação, tão prestes, do sargento, deu-me que scismar, e cheguei a dizer ao sr. Alberto: «*Aqui anda marioscal*»—Mas como elle me dissesse «*Talvez, não*», e como o tempo urgia, não pensei mais no caso, e andei para deante.

Na bôcca do lôbo

—Feito com os revoltosos, no seu regimento, havia só o sargento Santos, ou tinha a revolução em caçadores 5 outros elementos? Decerto não tinham, porque em caçadores 5 não se deu nenhuma tentativa de levantamento, pois, não?

—Deu, sim, senhor, deu-se a tentativa de levantamento, que não tomou proporções porque os provocadores se foram metter na bocca do lobo. Eu lhe conto. Da Praça d'Armas, eu e o meu camarada Alberto, voltamos acima ao quartel; e quando iamos na parada disse-me o Alberto: «*Vae tu ver o que ha na Praça Nova, que eu dou um pulo ás companhias para fazer levantar a gente*». Fui. E, mesmo ao pé da enfermaria, dou de cara com um cadete de infantaria, Pinto da Cruz, de jaqueta de panno, e armado de espingarda, que veio para mim a gritar: «*Balas... deem-me balas!*»—suppondo-me, como eu estava de fato d'algodão, alguma praça. No primeiro momento, julguei que, dado o alarme, o rapaz fosse qualquer cadete addido, que já estivesse armado para se incorporar no batalhão. Vi logo que me havia enganado, porque o alma do diabo, ao comprehender que eu era official, ficou desconcertado e soltou um «*ah!*» que me fez toda a verdade agarrei-lhe por um braço, e perguntei-lhe: «*ah! seu... o que anda você aqui a fazer?*»

—E elle?

—Elle não sei o que me respondeu; só sei que lhe deitei a mão á arma, que elle não queria deixar desarmar-se, e que, n'um empuchão, foi parar a uns poucos passos de distancia, de encontro á porta da casa de banhos dos sargentos. E, agarrado pela gôla, levei-o á sala dos officiaes onde o entreguei ao commandante, avisando n'essa occasião o major Julio Girão de que «*era preciso irem immediatamente officiaes á 5.ª e 6.ª companhias onde estava gente estranha ao batalhão*».

—E os officiaes encontraram essa gente estranha?

—Não que o major Julio Girão nem mandou officiaes nem appareceu elle: o que fez foi enviar-me ao portão R. Norte —para onde eu tinha seguido—, companhias atraz de companhias, para... suffocar a rebellião; appareceu-me uma companhia, commandada pelo 2.º sargento Bensabat: «*Que companhia é essa?*»—Resposta do homem: «*Quarta!*»—«*O que vem você fazer para aqui?*»—«*Mandou o nosso major.*» E, atraz d'esta, outra, e outra.

—Mas afinal havia gente estranha no quartel?

—Tanto havia que junto do portão Norte, eu ainda agarrei mais dois paisanos que levei prêsos, para a sala dos officiaes, onde fôram desarmados. E outra nota a provar que estava premeditada a insurreição de caçadores 5, de maneira analoga á que os revoltosos conseguiram em Infantaria 16 e Artilharia 1:—mal eu cheguei á porta da minha companhia (a 6.ª), a mandar levantar as praças, começou a sahir gente, armada e prompta. Na occasião tomei isso por uma prova de presteza dos soldados. Soube depois que os homens já estavam promptos desde a meia-noite.

—Como?!

—Por ordem do capitão Carvalhal, que era dos revoltosos.

—Não passou, porém, d'isso a tentativa de insurreição em caçadores 5.

—Não passou d'isso. Os revoltosos é que foram surprehendidos pela nossa vigilancia, e nós livrámo-nos assim da surpreza da infantaria 16. O alarme estava produzido, e presos os revoltosos, o batalhão começou a formar-se. O capitão May, eu e o alferes Empis fômos para uma companhia de metralhadoras que começou a apparelhar, e formou na Praça d'Armas, á espera da sahida do batalhão.

—Passou-lhe pela mente o que ia passar-se?

—Nada! O Empis foi o unico que teve o vislumbre do que ia succeder: abraçou o May, abraçou-me a mim, muito commovido, dizendo: «*A gente não sabe para o que vae!...* Mas n'isto o batalhão sahiu, e a aprehensão do Empis esqueceu. Eram 2 horas e tanto da madrugada de 4, quando começamos a marchar: um pelotão em guarda avançada; Estado Maior, e uma companhia, commandada pelo capitão Reis; a companhia de metralhadoras e uma companhia commandada pelo capitão Carvalhal. Seguimos pelo Chão da Feira, Contador-Mór, Rua Infante D. Henrique, S.ta Marinha, S. Vicente, campo de S.ta Clara, Travessa do Paraizo e Arsenal do Exercito.

Foi ahi que tomaram posições?

—Foi. Eu fiquei com a minha secção, appoiada por outras de infantaria, commandada não sei por quem, enfiando á rua Terreiro do Trigo, ao pé do Quartel da Guarda Fiscal. Lembra-me que ao cimo da rua do Muzeu d'Artilharia, ao pé do Posto da Guarda Municipal da rua do Paraizo, e guardando as embocaduras da rua dos Remedios e Castello Picão ficou uma força commandada pelo Alvaro Gomes, se me não engano.

—Mas como é que caçadores 5, appareceu no Rocio?

—Já vae saber. Estavamos n'aquella posição, quando chegou n'um automovel, o tenente do 16, Cezar Nunes, á paisana, que levava ao commandante a ordem do Quartel General, para o batalhão seguir para o Rocio. O commandante não quiz acreditar, recebeu uma traição, desconfiado pela ordem ser verbal. Fui eu reconhecer o tenente Cezar Nunes, que me disse: «*Sou eu, Cezar Nunes, de infantaria 16.*»

Depois a ordem foi confirmada pelo telephone, e, nós, deixando no Arsenal a companhia do Capitão Carvalhal, seguimos para o Rocio.

JOAQUIM LEITÃO.

Phantasias

A eleição do presidente

Findará triste e chuvoso o anno de 1912 e triste e chuvoso começara aquelle mez de janeiro que ia já nos fins. Mas do ceu limpo e sol claro nascera o dia em que todos aquelles senhores, que antes de almoço tinham tomado de assalto em Paris o comboyo, se dirigiam apressados, aos grupos, para o palacio de Versailles, onde n'essa tarde se realisava a eleição presidencial.

Havia muito que uma eleição d'aquellas não despertava tanta curiosidade, nem dava logar a tantas discussões. Mais ou menos se soubera sempre nas vesperas o nome d'aquelle que, segundo todas as probalidades, passaria a ter n'esse dia o direito de habitar o Elyseu e de tratar como eguaes os reis da Europa, elle que ainda na vespera corria, como qualquer simples mortal, os riscos de uma descompostura da porteira ou os perigos de uma abordagem nos *boulevards*.

Agora porem as previsões não eram seguras. Dois mezes antes já os jornaes discutiam acalorados as candidaturas e alguns d'elles tinham aberto concursos, em que havia premios de machinas de costura e phonographos Pathé, desafiando os leitores a que palpitassem o nome do futuro presidente, como poderiam palpitar o cavallo vencedor nas corridas de Auteuil ou o numero de grãos de milho contidos n'um copo de meio litro.

A multidão que se acotovellava n'esse dia no palacio enorme,—em que cada sala á uma pagina da historia de França e cada *panneau* uma vinheta a illustrar aquella edição de luxo,—não ia alli pois no interesse apenas de cidadãos naturalmente anciosos de saber quem ia presidir aos destinos do paiz, mas talvez principalmente no interesse de leitores d'este ou d'aquelle jornal, anciando saber se acaso lhe caberia a machina Singer, o phonographo Pathé ou a escrevaninha de mogno.

Com tudo se cá fora, por entre o publico, a atmosphera era a de sala da Misericordia em dia de loteria grande, lá dentro a questão discutia-se com mais gravidade, sob o aspecto dos interesses da França.—A Republica precisa d'um presidente com sympathias nas classes trabalhadoras, exclamava um representante da nação. Alguem que seja ponderado e grave; de ideias avançadas mas sensato e prudente, homem já de edade, feitio se-

reno, genio pacato. Emfim a Republica de quem precisa é de Burgeois.

—Qual historia! declarava outro. N'este momento critico que a Europa atravessa, o que a França precisa é de um homem de acção, firme e energico, de vistas largas e seguras, que se imponha aos ministros e saiba fallar ao mundo. A França precisa de Poincaré.

—Pois eu entendo que a Patria necessita de um homem que não crie incompatibilidades, que não tenha responsabilidade de maior nos ultimos tempos de governo, uma figura de quem o publico já se recorde apenas vagamente. A Patria precisa emfim de Ribot.

—E porque não Deschanel?... E' um homem distincto e discreto, fallando bem, vestindo melhor, um homem que tem sabido, mesmo quando está em foco, envolver-se n'uma athmosphera que dá á sua figura politica justamente aquellas meias tintas, que são necessarias n'um momento como aquelle que a França atravessa, e em que é sempre um perigo grave um traço mais accentuado ou uma expressão mais funda no vulto presidencial.

—Pois eu entendo que só Dubost convem. E' um homem que sabe e que quer, que vae direito ao seu fim, decidido, atravez de tudo, sem olhar a meios, sem se deter com escrupulos. E o que a França necessita é de quem saiba o que quer, e necessita-o porque a grande crise resulta justamente de se não saber o que se quer, sabendo-se porem que é preciso comtudo que alguma cousa se queira.

E de grupo para grupo a discussão continuava intensa, sem que nada se pudesse prever de definitivo, tanto mais que de vez em quando figuras influentes nos partidos appareciam a cochichar pelos cantos, em combinações mysteriosas, em calculos rapidos, dando indicações, trocando papelinhos, premeditando surprezas.

O que daria aquella eleição que tão confusa se annunciava?

Cahira a noite e na grande sala onde o Congresso reunira, um secretario lia, fatigado já, os nomes dos ultimos chamados a votar.

As discussões haviam esmorecido pouco a pouco e foi quasi em meio de um silencio, em que havia alguma cousa de somnolencia, que o escrutinio começou.

Largos minutos se passaram.

Por fim em toda a sala, houve um subito movimento de anciedade e confusão. O presidente, alinhando algarismos, conferenciava com os secretarios. O minuto solemne aproximava-se.

A França ia finalmente saber quem passava a presidir aos seus destinos.

Muitas ambições iam entrar na agonia; algumas esperanças iam porventura desabrochar risonhas.

Quem seria o eleito?... Quem seria?

O presidente erguendo-se, composto e grave, olhou um momento em volta, com um papel na mão. E lá de cima, do estrado, lançou, finalmente, em voz lenta e solemne a noticia anciosamente esperada:

— O mais votado para a presidencia da Republica é o sr. Machin.

Houve em toda a sala um movimento de espanto.

—O senhor Machin!.. Mas quem é o senhor Machin?

Os chefes politicos olhavam-se desapontados, e de repente, lá do fundo da sala, d'um grupo confuso de senadores anonymos, uma voz timida se ergueu dizendo com hesitação:

— Talvez seja eu.

E só então os representantes da nação repararam que o sr. Machin era um seu obscuro collega, de quem só se tinham lembrado um momento para, votando n'elle—em quem suppunham que mais ninguem pensaria,—embrulharem uma votação que cada qual previa pouco em conformidade com os seus interesses.

Estava pois eleito o sr. Machin, e o Acaso fôra d'essa vez mais habil que todos as politicas, pois á França déra como presidente o homem que tinha a unica qualidade capaz de evitar á Republica o perigo enorme de, n'um momento em que tem de caminhar ás apalpadellas para não tombar, na presidencia ter quem de alguma forma significasse uma orientação ou representasse um programma:—a qualidade de ser... um desconhecido.

ANSELMO.

* *

Cartas de Lisboa

De toda a vida ministerial do snr. Dr. Duarte Leite que, no dizer de toda a gente, está par um fio, e que a historia terá um dia de apreciar em toda a sua extravagante incoherencia, os dous documentos mais importantes datam de meia duzia de dias: o decreto de 18 publicado na folha official de sabbado 21, e a carta em resposta ao Chefe do Estado, que nem data tem, mas que vem inserta nos jornaes do dia de Natal, d'esse dia solemne em que a Egreja celebra o seu acontecimento primordial e a que a nossa Republica entendeu dever dar uma outra consagração, naturalmente pela difficuldade em o transformar num dia vulgar de Lyneu!

Não se comprehende muito bem a pressa do Chefe do ministerio em ligar o seu nome a dous documentos que, por diversas rasões, lhe não reservarão, por certo, nenhum d'elles, um logar de destaque entre os grandes estadistas do seu tempo.

E' o primeiro uma simples lei votada em Camaras. Votada, não é rigorosamente exacto. Essa lei foi apenas approvada no Senado, por esforços empregados por um medico que ali tem assento como legislador, e que scientificamente jurou ha muito guerra de morte á raça d'esses mamiferos roedores, e como todas as leis que obedecem a um fim scientifico ella é isenta do mais insignificante senso pratico. Acontecendo que a Constituição manda considerar approvados pela outra Camara, todos os projectos que apoz certo praso não comecem a ser discutidos n'ella, esse trabalho appareceu de um momento para o outro transformado em lei, assignada não pelo seu auctor que, por castigo, o deveria firmar aos vindouros, não pelos representantes da Camara que a approvou, mas pelo Chefe do Estado e pelo Chefe do Ministerio, que para ella não tinham mettido prego nem estopa. Não quiz ou não soube o snr. Dr. Duarte Leite isentar-se da responsabilidade d'essa lei absolutamente primitiva e que lança uma nota de extraordinario ridiculo na nossa legislação já tão curiosa. Foi pena. Por elle e mais especialmente pelo Chefe do Estado.

As Camaras Municipaes das Ilhas, como as de Lisboa e Porto podem lançar sobre o contribuinte essa postura que não é no fundo senão uma nova contribuição, póde esta reservar ao Estado um bom rendimento, mas a lei, tal qual está, e veiu publicada, é que nunca será cumprida, façam o que fizerem. E' ridicula e é inexequivel. Cortem-se embora todas as *caudas* aos *murganhos*, apresentem-se ás Camaras os *cadaveres inteiros* ou não dos ratos, como faculta o § unico do art.º 2.º, guardem-se ou não as ratasanas em conserva para depois se apresentarem, no dia marcado, aos representantes das edilidades nacionaes, a lei é que nunca se poderá executar a não ser que surja um novo Angelo Pitou para a tornar celebre com musica de qualquer Lecocq moderno.

O segundo documento tem significação differente. Não póde por isso equiparar-se á lei dos ratos. Pertence ao genero sério. Liga-se a tudo quanto a nação tem tem de mais sentimental—a alma. E' um documento que a Historia tem de acolher, de estudar e de criticar a sangue frio.

Não vale a pena fazer referencias ao extranho costume de encher agora as columnas da folha official com controversias curiosas entre o Presidente da Republica e os seus ministros, innocação que cremos *sui generis* e que não tem antecedentes nem terá imitadores por maiores surpresas que nos possa reservar o estudo do direito constitucional, mas não ha remedio senão deixar em destaque a differença de opinião que existe entre o Chefe do Estado e os homens que elle escolheu para governar o paiz, n'um assumpto que, por todas as razões e pelas proprias apontadas por cada um d'elles nos documentos que firmam, é da maxima importancia politica para o futuro das instituições.

Entende assim o Snr. dr. Arriaga que para se engrandecer a Republica tem de lançar mão de *medidas radicalmente patrioticas* e de *actos nobres* e justos como seriam o perdão aos bispos e a abolição do regimen penitenciario para os presos politicos, mas, pelo seu lado, o Governo entende que essas *florações prematuras não vingam a produzir fructo*, e por isso recusando a primeira annuncia que apresentará a segunda n'um projecto, em breves dias. E como esse projecto, apesar de tardio, poderia ainda ser por alguem apreciado como acto de justa generosidade para com adversarios vencidos, o Ministerio para lhe tirar todo o caracter, abrangerá n'elle os criminosos communs.

Para os homens que hoje são ministros, jornalistas, mandões, e que ainda hontem eram revolucionarios natos e estavam portanto na iminencia de castigos tão merecidos como os que hoje deffendem e reclamam para os adversarios, tão criminoso é o individuo que, com armas na mão, peito a peito, combate pelo ideal politico, como o assassino feroz que na sombra e á traição mata o semelhante, inimigo ou protector, parente ou amigo.

Fugimos de analysar periodo a periodo a carta do Chefe do Estado, cujas intenções podem ser excellentes. A carta vem recheiada de todos os logares communs usados de ha muito para combater o antigo regimen, mas fóra essa critica suspeita, o desejo manifestado pelo snr. Dr. Arriaga, reproduz bem o sentir de todo o paiz e ainda mais a opinião do estrangeiro que, mais affastado do campo da batalha, mais a sangue frio encara o assumpto. O paiz precisa de normalisar a sua vida e emquanto as portas das prisões se não abrirem para os delinquentes politicos nunca o conseguirá. Se a Republica entende que o pode e deve fazer, faça-o sem demora. As amnistias são sempre medidas de alto alcance politico, mas não as podem conceder os governos fracos.

Por tudo isto melhor fora que o snr. Dr. Duarte Leite não tivesse ligado a sua responsabilidade aos dous documentos citados, sobretudo estando já ministerialmente nas agonias da morte. Preferivel seria ter deixado aos seus successores essa tarefa, já que a ella se liga, no dizer de legisladores e epistolographos, o futuro dos ratos e o futuro das Instituições.

RAUL.

Agencia de O CORREIO

Em Lisboa

Participamos aos nossos assignantes e annunciantes de Lisboa, que a nossa agencia n'essa cidade está difinitivamente installada no

Largo de S. Paulo, 12-1º

Entrevista

COM

Pierre Lafitte

O que deve ser o jornalismo moderno. O que é o «Excelsior», e o que Lafitte sonhou. «Record» da velocidade em entrevistas.

A's 6 horas e vinte minutos já eu estava na redacção do *Excelsior*. O meu amigo André Muller, chamado em serviço ao gabinete directorial, annunciou-me, e voltou para cima com esta boa noticia:

—«Vá indo para baixo, porque Mr. Lafitte está com uma pessoa, e em seguida recebe-o a si».

Desci. As portas de espelho, da sala de espera, só reflectiam a minha pessoa. Um homem passou com um molho de papeis, tocou um botão electrico á porta do gabinete, a porta abriu-se, elle sumiu-se. Entretanto, um sujeito com uma oria de caracões franjando uma calva regular, pousou o seu sobretudo n'uma poltrona, cruzou duas gordas pernas por onde subiam as calças arregaçadas, e pôz-sedar ao bico da bota enlameada.

Um *groom* entrou, saiu, e pronunciou:

—«O snr. Leitão? Ah!... Mr. Lafitte pede-lhe a fineza de esperar *une petite seconde*».

Um pequeno minuto em Paris, é meia hora; um pequeno segundo é pelo menos uma hora, mas para mim n'outra sala de espera, já chegou a durar duas horas.

Não me sorriu muito o bem conhecido «petite seconde», mas, mas com esta grandeza d'alma que ha nas profundezas da vingativa alma humana, olhei para o homem da calva encaracolada, com o piedoso desdem do poderoso que enxerga e se condóe do desgraçado que está abaixo d'elle. E disse, entre mim:

—«Vaes esperar duas horas, ou tens de te ir embora sem falar ao Lafitte!...»

Passou o snr. Barthe, redactor-chefe do *Excelsior;* saúdou-me com um leque de cartas, e engolphou-se na grutta directorial.

Passeára pelo salão o tempo de saber de cór os assumptos das aguarelas, de contar as janelas de todo o predio, quando sahiu o primeiro empregado. Logo a seguir, a porta e contra-porta abriram-se eu levantei-me, certo de que decorrera *une petite seconde*. A calva encaracolada, com uma esperteza calosa, colocou-se na direção das portas, e de dentro decerto Pierre Lafitte devia-o ter admittido para se desembaraçar. Devia ser por força *quelquen* essa calva que eu suppuz ser *quelconque très quelconque*.

Emfim,... sós, o snr. Lafitte, e eu que não esquecera a recomendação que elle me fizera atravez André Mulier:

—«Se o snr. J. L., podendo entrevistar-me em meia hora, me entrevistar n'um quarto de hora, elle ficará sendo para mim o primeiro entrevistador do mundo».

Pierre Lafitte offereceu-me uma cadeira.

Oitenta kilometros á hora n'uma cadeira

—Como não se fála mais devagar, por se estar sentado, sento-me; quero ver se o intrevisto não n'um quarto de hora, mas em sete minutos. O seu tempo é precioso; o snr. Pierre Lafitte era, porém, indispensavel á minha serie. Tem um nome no meu paiz que o cognominou o «democratisador do papel couché».

Este cognome pareceu impressional-o porque me perguntou:

—*Où ça?!*

—*Là bas... au Portugal.*

—«Democratisador do papel couché»! repetiu.

—E' a sua vida de audaciosa publicidade, o seu americanismo jornalistico, já cheio de gloria e de triumphos.

—Ah! se soubessem como custa cára essa gloria!..!

—Era a ultima das tres perguntas que tencionava fazer-lhe. Vem a proposito, será a primeira. O snr. Pierre Lafitte tem 12 annos de direcção e propriedade de publicações; é tempo de lhe perguntar as suas impressões pessoaes da profissão.

—Olhe! ha duas ou tres semanas, encontrei-me em Nice com o director do *Daily Mirror*. Fui dar com elle a jogar o *golf*. «Você a jogar o *golf*?»—«E' verdade! é a unica coisa que faz esquecer á gente o jornalismo, e os desgostos que elle dá».

—Segunda pergunta: o *Excelsior* é uma bella tentativa americana. Sei que ha quem lhe encontre pouca leitura. Eu acho-o carregado de mais para ser o typo ideal da illustração diaria americana. Para mim o seu jornal seria perfeito se continvesse apenas gravuras, o titulo e telegraphicamente o assumpto, o texto resumido em dois ou tres sub-titulos da legenda. Assim não tenho tempo para o ler. Mas...

—Que quer? Se eu tivesse—não tenho nem o desejo—, todos os dias uma catastrophe do *Liberté*, então poderia luctar e e impôr ao publico essa concepção que é a minha, de diario americano. Assim tenho ne submetter-me ao publico que me reclâma as temperaturas, os palpites das corridas, o *Excelsior* como elle é e não como eu o sonhei.

—Por isso mesmo: sendo essa a sua concepção de jornalismo, isto é a pellicula impressionada pelas convulsões do universo, acompanhadas por um grito de horror ou de triumpho, transmittido por um radio-telegramma, diga-me: na sua opinião é o grande escriptor preciso ao jornal?

—Na minha opinião, o grande escriptor nada tem a fazer na imprensa de grande tiragem. Na imprensa de tiragens médias, o *Gaulois*, o *Figaro*, sim: o escriptor leva a esse jornaes o seu prestigio, é lido, é entendido, é reclamado. A's grandes tiragens, não.

O que é o jornalista d'hoje.

—Ultima pergunta: sendo certo que não é o jornal que orienta as multidões, mas as multidões que orientam o jornal—, que não póde ser senão a média da opinião publica—, qual é a orientação a dar: dizer ás multidões o que pensa o redactor ou o director, ou dizer ao publico o que pensam as varias classes que compõem as multidões?

—E' o proprio publico que deve falar, isto é, redigir o jornal.

—O snr. Pierre Lafitte acaba de reconhecer que o jornalista de hoje é o entrevistador. Estou satisfeito e muito agradecido. Gastei pelo chronometro que está aqui sobre a sua banca 2 minutos e meio para o entrevistar.

Muito amavel, muito *gentleman*, Lafitte levantou-se, mas eu, quasi sem me voltar, deixei-o no meio de um terceiro «*desolé* de o fazer esperar...» Eu tinha vencido o *récord* da velocidade em entrevistas: não queria estraga-lo.

Ainda eu não ia no primeiro lanço de escadas que levam ao andar da redação, já a figura britannica d'esse parisiense descia. Em baixo, André Muller cruzou com ella, e perguntou-lhe:

—Que impressão teve, snr. Lafitte, do nosso collega português?

«Um homem que sabe o valor do seu tempo e do tempo dos outros»—respondeu Lafitte sem parar.

E deitou a correr para o automovel, para jantar a correr, para trabalhar a correr, para gozar a correr, para, sahindo da paginação do *Excelsior* á uma hora da madrugada, ir cear a correr, para ir dormir a correr, para no dia seguinte ás onze horas da manhã voltar a correr para o conselho da redacção do *Excelsior*, em que se critica o numero publicado nessa manhã e se concebe e approva a correr o numero do dia seguinte, para correr para o *Femina*, para o *Je Sais Tout*, para a vida, para a gloria, para a morte, a correr, sempre a correr...

Todavia quando o entrevistei, ás 7 horas d'essa chovisquenta tarde de março, depois de elle ter passado um dia inteiro a trabalhar, a consultar contas, papeis, a ser consultado, visitado, conferenciar, a folhear *dossiers* e a ser folheado pelos seus auxiliares, esse homem chegou ás minhas mãos de entrevistador tão fresco e rigorosamente cuidado, como se acabasse de sahir naquella hora d'um toucador.

Nas barbatanas do seu *frack* não havia uma poeira; unicamente na da esquerda passava um vinco rubro, o traço que a Legião de Honra deixára ao assignalar-lhe a gloria. Os cabellos, penteados á americana, com a risca ao meio muito aberta á escova, e os dois bandós lambi-

dos para traz, não tinham um fio insubmisso.

A gravata era a rigorosa hypothenusa do triangulo formado pelo colête muito decotado e a linha transversal e superior da camisa; as riscas da calça eram parallelas como quando sairam do tear e do ferro, os punhos e o collarinho acabavam de chegar do engommadeiro londrino.

Apenas um ar fatigado, a pallidez matte dos trabalhos e das vigilias. O mais era o mesmo que estar a ver o retrato que *La Gandara* expoz no ultimo *Salon*.

Não sei se este commandante de jornalistas, fará como o heroe americano da Guerra Hispano-Americana, que durante a tomada de Cuba desceu tres vezes ao camarote para mudar o facto de brim branco, que a polvora lhe sujára.

Mas, não. E' ainda o methodo, o methodo de pensar com a cabeça, e não com os punhos, a bater na mesa, a arrepellar-se, a tregeitear, a suar, como faz em geral o latino.

Assim se acaba de comprehender que Pierre Lafitte tenha uma concepção americana do jornalismo.

Para se fazer jornaes á americana, é preciso, antes de mais nada, fazer de nós mesmos um ser americano, exacto, pontual, nervoso e serêno, febril e impassivel —isto é, um paradoxo, a felicidade de correr a galope para o triumpho, para que quando a morte vier, mascarada de *Titanic*, o Homem espere serenamente por ella, de casaca, para morrer como *gentleman*, e ter a certeza de que, ainda depois de morto, o seu gesto fará subir de meio-milhão a já fabulosa tiragem do *Excelsior*, a ultima —até este momento— creação d'este Napoleão da publicidade.

JOAQUIM LEITÃO

ALVARO PINHEIRO CHAGAS (Anselmo)

NOTAS D'UM LISBOETA

2 bellos volumes

Preço 1$200 reis

Á venda nas principaes livrarias

NOTAS SOBRE A EDUCAÇÃO

Lições de mêdo

E' frequente ouvir dizer-se, e devêmos confessar ser verdade, que a coragem tem desapparecido muito das classes cultas do nosso povo.

Queixamo-nos de que ha uma crise de caracter, uma falta de homens em Portugal. Ora qual será a razão de tal crise? Parece-nos ser esse mal devido a um erro de educação e, para o confirmar, examinemos como são educadas as crianças no nosso paiz e será possivel descobrir na educação o ponto fraco de que deriva a falta de coragem e de iniciativa.

Assim que as criancinhas começam a ter uma ligeira noção do que se passa n'este mundo é sempre pelo mêdo e pelo terror que as mães e as amas conseguem obter d'ellas a minima obediencia. Para as fazer calar, quando choram, é imitando a voz do papão, do preto, do velho ou de qualquer outro ente que inventam para lhes metter mêdo: conseguindo assim dar-lhes a primeira lição de mêdo quando pelo contrario, tão util seria que semelhante fraqueza d'ellas fosse desconhecida.

Não param no collo da mãe ou da ama as lições de mêdo: continuam sempre, tirando aos pequeninos a confiança nos grandes, ensinando-lhes o peor de tudo, a mentira; pois o mêdo é o pae da mentira.

As historias que lhes contam as criadas, de almas de outro mundo, de ladrões, de demonios etc, continuam atemorisando-as; é frequente nas praias ouvir chamar um pequenito que se chega demasiadamente perto de mar, clamando «O' menino, cuidado com o mar, olhe que vem um peixe que lhe morde»; se uma criança vê um cão e vae fazer-lhe uma festa é logo «O' menino olhe que o cão morde» assim conseguindo sempre a obediencia pelo mêdo, que não pela confiança em quem manda.

Por este processo á criança atrophia-se-lhe a intelligencia, torna-se nervosa pois, como em geral n'ella é grande a imaginação, começa a fantasiar perigos onde não os ha e até chega a ter mêdo de correr porque, lhe dizem, póde cahir; não se atreve a entrar n'um quarto escuro por o suppôr povoado de terriveis entes imaginarios.

O mêdo ensina a criança a mentir, pois conforme n'ella se vae desenvolvendo a intelligencia vae descobrindo que era pelo engano que d'ella se conseguia qualquer cousa, e rapidamente n'ella se gera a *manha* (ou *intrujice* em linguagem do povo a que, nas classes cultas desastradamente e por vezes até com desvanecimento dos paes, se dá o nome de esperteza. E' frequentissimo o considerar-se como espertissima uma criança cheia de manha, e até ha quem lhe ache graça, quando a manha n'uma criança é a base do caracter sonso e pouco leal, sendo indispensavel apontar-lhe o que tal defeito tem de horrivel e, em vez de rir e de lhe achar gracinha, mostrar-lhe tristeza envergonhando-a.

A medida que vae crescendo, a manha que lhe ensinaram as lições de mêdo, continua na criança tirando-lhe a coragem e a franqueza, qualidades estas em geral naturaes nos pequeninos. D'ahi vem as cabulas, abominavel immoralidade de tão frequente uso nas escolas do nosso paiz, e que mostra bem a enorme lacuna da educação da nossa mocidade, pois enganam-se a si proprias as crianças enganando os professores, e commettem uma cobardia e ao mesmo tempo uma injustiça para com os seus camaradas estudiosos e conscienciosos, supplantando-os na classificação devida ao trabalho honrado.

Essa manha e esse mêdo de tudo acompanha-as sempre pela vida fóra, atrophiando-se para sempre o caracter de criaturas que nasceram sinceras e confiantes, não tendo força, quando homens ou mulheres, de confessar e defender as suas opiniões, gritando ou fugindo até ao ver um morganho!

Para conseguir pela educação gente sem mêdo e ousada é necessario dar ás crianças, desde que abrem os olhos a confiança.

Quando pequeninas e de collo evitar o chôro habituando-as a horas certas para o somno, para, as refeições, para passeio; a criança disciplinada não chóra porque está satisfeita e socegada. Nunca se lhes minta afim de que os pequeninos nem sequer sonhem que existe a mentira, captando assim a sua estima, evitando-lhes uma duvida que seja na nossa sinceridade.

Nunca se lhes metta mêdo para d'ellas conseguir a obediencia, pois as crianças devem obedecer com toda a convicção, por confiança, não por mêdo.

Conta-se que a mãe de Nelson nunca lhe fallou na palavra mêdo, tendo-a só conhecido quando já homem feito, dizendo elle que nunca percebeu o sentido de tal palavra, e foi decerto essa ignorancia que d'elle fez o heroe de Trafalgar.

O mêdo tira por completo o sangue frio ou presença de espirito e muitas vezes morre gente unicamente por perder a cabeça com mêdo; é isso frequente em incendios, em naufragios etc. Ha bem pouco tempo em Bilbão morreram bastantes espectadores n'um cinematographo por terem ouvido gritos de «fogo» e afinal era rebedate falso.

Se o aviador Garros tivesse perdido a presença de espirito, quando a uma altura de cerca de 5:000^{m} lhe parou o motor do aeroplano, não teria descido em magnifico vôo (vol plan), e teria morrido infallivelmente.

E' pois de absoluta necessidade o evitar-se ensinar aos pequeninos o que é o mêdo, e mesmo quando por acaso mostram ter receio, tirar-lh'o com paciencia, mostrando-lhes quanto é mesquinho e vergonhoso ter-se falta de coragem.

Na Historia de Portugal abundam os exemplos de coragem e de valor: era bem melhor apontal-os ás crianças do que contar-lhes historias de crimes, de fadas e de almas do outro mundo.

No ensino da religião deve fallar-se mais da Infinita Bondade de Deus, do que dos castigos da Providencia, do Inferno, do demonio. Dá-se em geral as crianças uma ideia de Deus como sendo o Terrivel Justiceiro: era preferivel fazer vêr n'Elle o Bom Pae, a Infinita Bondade, a Verdade, o Creador de tudo quanto é bello, e fallar-lhes na Sua indulgencia e profundo amôr pela humanidade, em Quem todos devemos confiar.

Para ser bom educador são condições primordiaes a paciencia, a absoluta sinceridade e o bom exemplo. Criança que veja os paes mentir mente tambem e assim como estes a enganam, ella tambem os enganará.

Muitos objectarão que nem sempre é possivel responder com verdade a todas as perguntas das crianças: é engano, pois ha sempre maneira sincera e verdadeira de lhes responder; é mil vezes melhor dizer-lhes a verdade, do que pretender fazer-lhes acreditar n'um disparate, que a sua intelligencia não aceita, tirando-lhes assim a confiança, que em nós depositam.

E muito recommendado em todas as obras de pedagogia a conversa com os pequeninos, deixando-os discorrer, encaminhando-lhes os pensamentos e conhecer-lhes a alma, ensinando-os a observar, a vêr, a deduzir.

Convem não confundir confiança com falta de respeito, pois não póde haver verdadeira confiança senão acompanhada do maior respeito. Todos nós têmos confiança em quem nunca nos enganou e sempre se mostrou, leal e bom amigo; e são esses justamente os que mais respeitamos, e cuja amizade mais apreciamos e a quem sempre desejamos agradar. Ter mêdo de uma pessôa não é ter respeito por ella: é uma falta de amizade, que póde ir ate ao odio e mesmo por vezes até á vingança.

Ás crianças habituadas a obedecer pelo mêdo é raro formar se-lhes a vontade e o saber querer e resolver por si; mais tarde, quando entregues a si mesmas, deixam-se sempre levar por influencias extranhas, com frequencia nefastas.

E' de tal responsabilidade guiar e educar os homens e as mulheres do futuro, que deve esse assumpto ser o estudo constante dos paes,

E' preciso porem os paes a preguiça de lado, lêrem mais e estudarem os filhos, de cuja educação e futuro tem a responsabilidade. Parece-nos que educadas as crianças na ignorancia do mêdo, no culto da sinceridade e da franqueza, velando-se pela sua saude, tanto moral com o physica, virá o nosso paiz a ser mais rico em homens capazes de grandes feitos, que exigem arrojo e iniciativa, qualidades estas tão indispensaveis ao aviador destemido, ao general prestigioso como ao industrial emprehendedôr ou ao operario inventivo, e na historia patria renascerá um periodo fertil em grandezas como no passado. Raça não a ha melhor que a nossa: é não a estragar com a educação mal encaminhada.

G. M. G.

JOAQUIM LEITÃO

OS CEM DIAS FUNESTOS

(Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza e do seu livro «Para a Historia da Revolução»)

Um volume de 550 paginas illustrado

Preço 1$000 réis

Á venda nas principaes livrarias

SEMANA MUNDANA

Aspectos

Nos salões da embaixada, resplandecentes de luzes, a multidão acotovelava-se espreitando curiosamente a grande sala de baile onde um sexteto executava uma valsa lenta, que alguns pares dansavam.

Era aquella a primeira festa mundana que se realisava depois da implantação do novo regimen, e com ella, o embaixador, —representante de um paiz amigo que com bons olhos attentára no novo estado de cousas,—pretendia accentuar o especial agrado com que na joven Republica previa o inicio de uma era de paz, de prosperidade e de venturas para aquelle gracioso recanto da Europa, onde o ceu era sempre azul e o sol sempre brilhante.

Uma circumstancia feliz mais o fazia olhar com agrado aquella terra para onde o levara o acaso de uma promoção diplomatica:—fôra n'esse torrão abençoado que a embaixatriz, sua esposa, encontrára para para a doença que a definhava uma cura completa, quando alli vivera, em solteira, os largos annos em que, junto da extincta Monarchia, seu pae representára o governo do seu paiz.

Circumstancia excellente era essa, que permittia agora que a embaixatriz, tendo aprendido n'esse largo periodo o idioma do paiz, na propria lingua pudesse correctamente corresponder aos cumprimentos timidos que as esposas de alguns ministros esboçavam embaraçadamente á entrada, acompanhando-os de um tremulo dobrar de pernas:

—Madama...

Era graciosa e gentil a embaixatriz e toda a noite vigiara attenta para que fosse sem nuvens a festa, e pressurosa corrêra sempre áquella das suas convidadas que avistava a isolar-se da animação do baile, não fosse o caso que algum mal-estar a fizesse levar da festa uma recordação que não fosse toda de encantos e gentilezas.

E precisamente n'esse momento ella avistava uma figura de mulher deslisando rapida para uma salita solitaria.

Correu a ella, attenta e pressurosa, a embaixatriz, e ao reconhecer a esposa d'um vulto illustre e influente, mais interessada ainda se mostrou, indagando ao vel-a deixar-se cahir n'um sofá, a tentar curvar-se n'uma lucta difficil com o espartilho:

—Está incommodada, minha senhora?

A outra, n'um sobresalto, levantando-se rapida, respondeu n'um sorriso acanhado, tentando dar uns passos:

—Oh! não, madama, não é nada...

Mas de repente, n'um impeto de sinceridade, deixando-se cahir de novo no sofá, cruzou a perna, e, n'um arranco, libertando-se do sapato, exclamou:

—Ufa!... Já não podia mais!...

Depois no tom amavel de quem inicia uma conversa para entreter alguem com quem se deseja ser gentil, disse:

—Vamos ter chuva, madama...

E como a embaixatriz, n'uma duvida, atravez a vidraça olhasse o ceu limpido, em que estrellas scintilavam, a outra, n'uma affirmativa, n'uma certeza, garantiu:

—Vamos ter, sim, madama, que os meus callos nunca se enganam.

ANSELMO.

* *

Em S.t Jean de Luz

Depois de 16 horas de viagem e de andar a jogar as escondidas, a entrar por uma porta e sahir por outra, em Hendaye, eis-me n'esta linda terra. N'esta altura do discurso estava bem um pouco de poesia, mas, felizmente é coisa que não sei.

Claro está que, na minha qualidade de redactor d'uma secção elegante, o primeiro cuidado seria informar-me minuciosamente dos pontos do rendez-vous elegantes cá de terra. Infelizmente para mim e para as minhas leitoras, St. Jean de Luz no inverno é como o Porto no inverno; animatographo, missa aos domingos e dissse. Bem; mas é aproveitar vêr o que ha; no Casino Internacional onde é o animatografo deve haver immensa gente; deve ser chiquissimo; informei-me da hora: 9 e meia: em que dias? perguntei: todos, me responderam. E na péssima descripção que vou fazer, verão as leitoras de «O Correio» como é divertido e como é elegante o inverno n'esta mansão solitaria, n'esta perola que o oceano beija, n'esta... ai! que lá vêm a poesia!

Ahi vae o que vi:

A scena representa um café por onde se entra e sahe por uma porta envidraçada.

A' esquerda uma porta com o distico «Bacarat» e á direita duas outras com «Petits chevaux».

Um balcão coberto de garrafas de bebidas, varios copos, jornaes e pontas de cigarros; mesinhas pequenas; uma duzia de cadeiras de pinho e um biombo que discretamente esconde aos olhos da freguezia, o processo rápido de lavar a louça.

Ao fundo está uma porta que dá para o salão do cine.

Fazem ideia, hein? Bem; agora, as personagens. Ao Balcão está lendo «El Pueblo Basco» um cavalheiro, bastante mal humorado e que, diga-se de passagem, me fez encavacar porque já sabe mais português que eu. Encostada ao balcão, n'uma attitude de quem se deixa amar e vigia *la caisse*, está uma feia mulher, com umas lunetas que ainda mais feia a tornam e com uma toilette que a tornam feiissima; é a heroina deste pequenino romance que ides lêr.

A' porta do cine um desgraçado já velhote, de cara inchada e atada com um lenço, espreita ancioso as 11 e meia para ir para a cama, livre da maçada do «merci, monsieur» a cada franco que cáe em troca do bilhete de entrada. Resto de personagens: um creado que, nas horas vagas vae vêr as fitas; e os freguezes. Estes são os personagens principaes e, por isso, me demorei na sua descripção. Quando eu entrei, olhei para o lado direito e deparei com um jovem, loiro, muito loiro, inclinado sobre o lado esquerdo, de perna traçada; bebia um calix de curação. No seu olhar tão languido e tão dôce, havia o quer que fosse de intimo desgosto, de muito aborrecido. Era o José Perestrello.

A nossa entrada com mais amigos, todos portuguêses, fe-lo sorrir; mas a sua tristeza era bem verdadeira. Coitado; vejamos os outros. Os outros são bascos, fallando lá a lingua d'elles que ninguem entende; e mais portuguêses, mas esses mais alegres, não deixando em mentira o rifão francês «Les portugais sont toujours gais».

João Perestrello, atura com paciencia evangélica a historia que o Manuel Cabedo lhe conta com certeza pela 20.ª vez. Miguel Cabedo e os manos Jorge e Luiz esperam pacientemente que cheguem Ellas (que nunca chegam, é claro) para mais uma vez provarem aos outros que «no les escapa una» como ao Pobre Valbuena. O Antonio Fiuza espia os movimentos de todos, assestando o seu monóculo, numa attitude séria de homem casado. O João Pombal, não pára: gira, dá saltos, berra, puxa das cadeiras mas não se senta e com o côco á banda e os pés para fóra lá vae vêr as fitas, ou antes, a primeira fita, por que á segunda já está a dormir.

A' mesa do José Perestrello sentam-se o Chico Paes, cada vez menos caréca, o José Bacellar, o Chico Cruz e o José Garrett; por detraz d'elles, esperando a sua hora do bridge, está o snr. Belles, envolto no seu pardessus, o que ha de melhor; com o seu cache-col, o que ha de melhor: o seu chapelinho inglês, o que ha de me-

lhor; o seu charuto de 10 centimos, o que ha de melhor, e a sua piada a tempo, o que ha de melhor.

A dama das lunetas envolve n'um meigo olhar o José Perestrello.

Elle, que a acha linda, responde a esse olhar com palavras meigas, palavras apaixonadas, em portuguès para serem sentidas. Ella a ingrata, não percebe; os outros freguezes fazem barulho; Perestrello diz mais alto: «Amor»; ella interroga com o olhar, franzindo o nariz e compondo as lunetas; elle apaixonado, louco, unindo ao copo a pequenina bôca, diz-lhe a sorrir: «O meu coração para ti».

Dois minutos depois tinha José Perestrello defronte de si o calix cheio de curação; a dama antepondo *la caisse* ao amor, entendeu curação e fez gastar ao desgraçado mais 50 centimos.

Todas as noivas de bom gosto encomendam os seus enxovaes
NO
ATELIER DE ROUPA BRANCA
M. d'Aguiar Leitão
20—Praça da Batalha—22
(Á entrada da rua de S.ª Ildefonso)
PORTO

CHRONICA

da Vida Nacional

Eis-nos prestes a entrar em 1913, esmorecidos os risos alegres das creanças perante os brinquêdos do Natal, e atirados todos nós, depois d'alguns dias de folga, para a labuta da vida, animando-nos esse despertar de energias da natureza bafejadas pelo halito acalentadôr do sol, que de novo, reaparece a oscular soffregamente a terra, para fazel-a desabrochar em flôres e em fructos.

Como seria consoladôr que a nossa vida social se rejuvenecesse e retemperasse tambem, n'essa harmonia intima que devia existir entre as almas e as plantas, partilhando da mesma liberdade em se polvilharem do pollen, que o vento, convulsão dos mares e das serras, abrandado pelo contacto com o aveludado da França dos arvoredos—espalha pelo leito das estradas, como a tapetar-nos os caminhos trilhados pelos pés doridos de largas e árduas peregrinações!

Infelizmente não nos embala essa esperança. A intolerancia politico-religiosa continua a desassocegar o paiz, para quem a mutação das instituições foi mais uma invasão de estranhos—do que conquista civilisadôra—dispostos a destruirem impassivelmente as crenças tradições e costumes, que a nossa intelligencia actual já não phantasia com a delicadeza, poesia e symbolismo das gerações passadas!

Accentuou-se essa nota triste em Braga, prohibindo a authoridade as novenas ao Menino Deus e em Barcellos cercando a festividade á Virgem da Conceição de taes cautellas, que nem a um triste foguete de centavo foi permittido estrellejar á altura das aguas furtadas da rua do Souto! Honra seja ao meticuloso funcionario que no respectivo edital ainda citou a padroeira em letras maiusculas!

E ambos elles—Jesus e Maria—foram as creaturas de mais elevados intuitos e de mais inoffensivos pensamentos que se registram na historia da humanidade. Mas, se é certo que dos labios nunca sahiu uma palavra de odio, tambem se não curvaram a transigir, nem com a fôrça do Pretório nem com a hyprocrisia dos phariseus, atirando-lhes á cara a lama dos seus corações e os punhados de drachmas, em que apenas, residia a sua fôrça.

Talvez as duas zelôsas auctoridades temessem serem ouvidos no ceu, como protestos de revolta, os harmoniosos cantícos, com que os mais inspirados maestros teem enriquecido a musica religiosa—a fim de ruirem as instituições que—pelo visto—ainda hão de obrigar muitos crentes a orar secretamente em logares occultos, como nas catacumbas os primitivos christãos!

Que triste exemplo de miopia intellectuol estamos a dar ao mundo!

Como se lhe patenteam as acanhadas vistas dos homens de regimem—pois a este, segundo a sua lei basilar se não póde attribuir a culpa—e o atrazo d'uma sociedade, que tanto blasona em rivalisar com as mais progressivas, nas conquistas do progresso e da liberdade!

Como é desolador ver os mais apaixonados coripheus do regimem estrebuchar em áseas de endemoninhados perante essas manifestações do culto catholico, que cada vez se alastra mais por toda a terra, tanto no vôlho continente, como nas regiões onde a civilisação só agora se accentua, e em especial na livre America, aonde o Brazil considerou uma notavel victoria diplomática do Rio Branco haver conseguido a purpura para o arcebispo Arco-Verde, e em que ainda no anno passado a chegada a New-York do cardeal Farley, regressando de Roma, foi um cortejo importante triumphal, acclamando a população o veneravel prelado com maior enthusiasmo, de que se em logar d'elle, atravessasse as ruas da cidade o presidente Taft!

Ha quem entreveja um próximo remedio a estas desagradaveis manifestações do actual systema politico, com a chegada do chefe do partido evolucionista e a sua ascenção ao poder—como libertador que vem abrir as prisões, alforriar as consciencias e enxugar lagrimas,—prisões que ajudou a abrir, consciencias em cuja oppressão collaborou e lagrimas que tambem fez borbulhar, com a sua adhesão e assignatura nas leis do governo provisorio!

Terá o ingenuo tribuno no seu annunciado gesto contraditorio a fôrça necessaria para n'um *poenitet mé* sincero e com mão firme remediear os males que ajudou a desencadear sobre a patria, ou será a sua annunciada obra altruista o verdadeiro desencadear da revolução—que tal nome se não póde dar á surpreza de 5 de Outubro, pois n'esse dia, a um lado só formaram os audázes e ao outro só os timoratos, que com a inercia do fatalismo oriental se curvaram submissamente ao som dos hymnos victoriosos dos triumphadôres da Rotunda?

ANTONIO LANÇA

BLAGUES

Em 1930

Havia muito que não ia a Paris e resolvido esse anno a lá passar aquelle mez de ferias, feitas as malas, para a grande cidade marchára na confortavel *cauchette* do *Instantaneo*, comboio rapido que substituira tempos antes o ronceiro e incommodo *Sud-Express*.

Chegado ao Quay d'Orsay, desattento ao *porteur* cujo francez atrapalhado vagamente estranhára, fizera-me conduzir ao hotel em que das outras vezes, annos antes, me hospedára e onde fui encontrar caras novas, rostos para mim desconhecidos.

No quarto, desafivelando a mala recordei amigos seguros que n'outros tempos conhecera e que, já então no começo de carreiras auspiciosas, deviam n'esse momento ser os homens conhecidos, os homens notaveis, cujos nomes todo Paris decerto diariamente citava, nos seus jornaes e nas suas conversas.

O meu coração grato anciava por d'elles ter noticia e foi interessado que eu, passando junto da creada suissa, que entrava a preparar-me o quarto, me dirigi, guiado por um creado allemão, para o *bureau*, junto do qual o porteiro, um italiano, me communicou que o sr. Petroff um russo que no *bureau* substituira o meu velho conhecido Durand, não tardaria um minuto a apparecer para me dar as informações que eu pedia e que eram muito simplesmente as moradas em Paris de alguns homens que na politica e nas lettras deveriam ter alcançado renome consideravel.

Com espanto meu, o sr. Petroff, chegado pouco depois, declarou-me ignorar taes moradas e nem mesmo se lembrar de alguma vez ter ouvido referencias aos nomes que eu citara, o que elle explicava por ler raramente os poucos jornaes francezes que *ainda* se publicavam em Paris.

E emquanto eu olhava surprehendido por aquelle *ainda*, o sr. Petroff, solliciteamente, folheava o Bottin em busca das moradas que lhe pedira.

No fim d'um certo tempo de inuteis buscas, o russo declarou-me terminante, com uma grande confiança na exactidão do Bottin:

—Esses senhores não habitam em Paris.

—Não pode ser, respondi eu.

E puchando o Bottin comecei a folheal-o tambem.

Mas, ah! surpreza!, ao longo das columnas, ininterruptamente, os nomes estrangeiros succediam-se, nomes de gente de todas as nacionalidades, de todos os paizes, excepto da França.

Sem comprehender, imaginando dizer um gracejo, exclamei:

—Ah! senhores... parece que em Paris não ha nenhum francez!

—Ha, respondeu-me o sr. Petroff com naturalidade, ha, ainda ha alguns.

—Pois haverá... mas então onde moram elles, que o Bottin nem lhes cita o nome?

E' que, como ha grande falta de casas, quasi todos vivem no hotel.

E o sr. Petroff accrescentou, apontando a rua, para o predio em frente:

Olhe... os poucas que ainda ha em Paris, estão quasi todas alli defronte n'aquelle hotel.

—E que hotel é? perguntei.

—O Hotel dos Estrangeiros.

* *

EMPRESTIMOS

A' hora a que escrevemos o boato corrente é o do conseguimento de uma maioria parlamentar para um governo das direitas por meio de um emprestimo de 20 deputados republicanos.

Tal é a mania de emprestimo que invadiu os homens da Republica; que, não conseguindo que no estrangeiro se lhes faça um emprestimo de dinheiro, se entreteem cá dentro a emprestar deputados uns aos outros.

A ideia tem ao menos a vantagem de ser originalissima, podendo talvez ser um meio excellente de resolver crises n'este admiravel regimen parlamentar em que vivemos.

O problêma da situação parlamentar dos governos pode assim resolver-se sempre.

3 FOLHETIM D'O CORREIO

A CHICA

NO ANIMATOGRAPHO

Depois da recita de gala em S. Carlos, a Chica esteve tres dias doente de cama, e oito sem poder vir fallar-me á janella.

Esses dias sahiram-me por bom dinheiro para o gallego, que todas as tardes me levava á repartição trez ou quatro bilhetinhos escriptos á pressa, a lapis, com noticias da Chica.

Eram laconicos os bilhetinhos, mas com aquillo de serem escriptos a lapis e á pressa... era obra para os decifrar!.

Umas vezes eu soletrava-os assim: *Estou velha. E' uma enguia. Asno tu. Lua Chica.* Depois de muito trabalho lá conseguia, com a ajuda d'um amanuense, meu collega, perceber que o que a Chica queria dizer era: *Estou melhor. E' uma angina. Amo-te. Tua Chica.* Outras vezes era um bilhete em que a Chica tinha escripto, mas positivamente escripto, que *desfalleceva a lebre* e tinha *uma pintada no leito com muitas latadas nuas*, o que afinal queria dizer que *desapparecera a febre*, que *tinha uma pontada no peito* e que estava com muitas saudades minhas.

Eu respondia-lhe em cartas inflammadas, fallando-lhe da *imagem tua que me povôa os sonhos*,—o que era mentira, porque em sonhos quem me apparecia sempre, não era a Chica, era a tia,—e lamentando a minha tristeza infinda que só no trabalho procurava distrahir,—o que tambem era mentira porque na repartição eu não trabalhava nada,—e terminando sempre por affirmar que não, oh! não, não podia estar mais tempo sem a ver,—o que egualmente era falso, pois que até me estavam sabendo muito bem aquelles dias sem Chica, porque a verdade é que uns diasitos de liberdade só não agradam á Republica.

Depois, é claro, pagava o recado que me sahia mais caro por causa da demora, á espera da resposta, e porque a tia da Chica arranjava sempre maneira de aproveitar o meu gallego, para ir buscar algum embrulho ou levar alguma encommenda sua.

Andou a cousa ahi por sete mil e tal...

Ao quinto dia passei lá pela rua, e a Chica appareceu-me por detraz dos vidros, pallidasita, coitadinha! apontando-me a garganta, depois o peito, a dar-me a entender que fôra qualquer cousa nas vias respiratorias.

Não fôra tal... A tia é que depois me disse na loja dos Davids, que aquillo tinha sido com certeza das lulas de caldeirada, que já lhe não tinham cheirado bem de manhã, quando as comprára á peixeira.

Mas, emfim, tambem a pobre pequena não podia pôr-se lá da janella, por detraz dos vidros, a apontar para a barriga, a dizer-me que tinha sido das lulas!...

O que diria a visinhança!...

No domingo seguinte, como a Chica já estivesse bem, recomeçamos as nossos gargarejos.

Mas... ai!... não sei que diacho tinham feito as lulas á Chica, que ella assim que se poz boa desatou n'uma furia animatographica, que lhes não conto nada.

D'ahi por deante não houve *serão da moda* ou *soirée de gala*,—e havia-os todas as noites, em qualquer animatographo, a que a Chica não fosse.

E, claro, indo a Chica, ia eu.

Ceus!... as vezes que eu vi *as viagens pittoreseas* atravez todas as regiões do mundo!... as vezes que me commovi com o bom coração das meninas que levavam de comer aos pobres, ás escondidas do papá, que parecia ser um homem muito mau, mas que por fim era um homem muito bom!... as vezes que me perdi de riso com a fila interminavel de policias façanhudos, de pedreiros enfurecidos, de velhas grotescas em saias brancas, correndo atraz d'um garoto que fugia!... Dezenas e dezenas de leguas de fitas me passaram pelos olhos!

Eu já andava entontecido, com cousas na vista, a tremelicar, a tremelicar. Tudo me parecia ser feito de animatographo, os carros que passavam pela rua, os policias que encontrava, tudo, tudo, e até por mais vestida que a tia da Chicha me apparecesse, era sempre de touca e em saias brancas correndo atraz do Cazuza com uma vassoura na mão, que os meus olhos a viam.

E tive incidentes desagradaveis, muito desagradaveis mesmo... como aquelle, por exemplo, que se deu no dia da partida do sr. Bernardino Machado para o Brazil.

Eu fôra á despedida, não por ser republicano, que o não sou, mas porque devo a sua Ex.ª muitos favores, mas mesmo muitos.

E devo...

Este por exemplo: Eu tinha um tio muito rico e muito comilão, que não havia meio de morrer, por mais que atafulhasse o estomago ás noites. Uma vez o sr. Bernardino foi jantar com elle. No dia seguinte o meu tio rico estoirava com uma indigestão e eu herdava cinco inscripções de cem mil reis e um relogio de ouro escangalhado.

E mais este: O Cazuza, o irmão da Chica, foi um dia com as meninas lá do collegio cantar a *Sementeira* n'uma festa ao sr. Bernardino. S. Ex.ª affagou-o, beijou-lhe a frente innocente,—innocente é modo de dizer, que o diacho do rapaz já as sabia melhor que eu,—e perguntou-lhe muito interessado pela mamã, que já morrera, pelo papá, que já fora ter com a mãe, pelo tio,—que o Cazuza não tinha naturalmente porque a Providencia entendera que para seu castigo já lhe bastava a tia,—e pela irmã, que o Cazuza tinha mas que o sr. Bernardino não sabia. Em fim... s. ex.ª foi especialmente gentil e amavel com o Cazuza. N'essa mesma noite cahia o pequeno de cama com um ataque de *influenza*, e eu estive quinze dias podendo passar pela casa da Chica, á ida para a repartição, sem a quizilia de ver lá em cima o irmão a deitar-me a lingua de fóra, n'uma troça pegada.

Devia pois muitos favores ao sr. Bernardino e não podia deixar de ir á despedida.

E fui... Fui e... foi o demonio!...

Com aquella historia de passar todas as noites nos animatographos por causa da Chica, não havia meio de me convencer que aquelles cumprimentos do snr. Bernardino, os seus sorrisos, os seus apertos de mão, aquellas commissões de sujeitos de sobrecasaca e chapeu de côco, aquelles ranchos de pequenos com estandartes, emfim que tudo aquillo não era uma *fita*, uma fita comica, a fita de Rigadin, acompanhado de numerosas malas, partindo para o pólo norte.

E ria... ria... e não havia meio de chamar ao snr. Bernardino senão Rigadin. E era senhor conselheiro Rigadin para aqui, e mais *que felizes se vão sentir os esquimaus ao saber que a Republica lhes manda o snr dr. Rigadin como ministro!*...

Em resumo... foi um escandalo!...

E se ao menos n'aquellas idas ao animatographo eu encontrasse algum consolo para o meu coração!...

Mas qual!... A Chica ia lá para deante para o pé das Lemos, e das Noronhas, e das Sousas, que, incompativeis com o regimen, tinham deixado de ir aos theatros e passavam todas as noites ás escuras nos animatographos, e eu ficava cá atraz ao pé da tia, que julgando-me parvo,—talvez por lhe namorar a sobrinha, ia acompanhando todas as fitas com explicações:

—Agora elle está-lhe a dizer: *Saia, senhora, que a sua presença é uma vergonha para esta casa.* E ella responde-lhe: *Não, lá isso ir-me embora, não vou...* E elle insiste: *Rua!*... Agora este é o pae. Está triste com o que soube da filha. Lá levanta elle as mãos ao ceu. E agora está a dizer á rapariga: *Miseravel!... Uma menina que eu eduquei tão bem. E foi para isto, desgraçada, que eu te mandei ensinar piano, e bordados?*

Emfim ao pé da tia todas as fitas eram falladas.

Só á sahida eu conseguia trocar duas palavras com a Chica.

—Vaes logo lá? Perguntava-me.

Eu dizia que sim... Ai! como se ella me consentisse que dissesse que não!...

E á uma lá estava á janella do *rez do chão* a olhar, o lindo rosto da Chica, que eu via a tremelicar, a tremelicar, como as figuras do animatographo.

ANSELMO.

O sr. Antonio José d'Almeida em meio d'uma sessão, com receio de que lhe não corra favoravel uma votação, enviára por um continuo um bilhetinho ao sr. Affonso Costa:

«*Meu caro amigo. Peço-lhe o favor de me emprestar duzia e meia dos seus deputados, que logo lh'os restituo. Seu amigo obrigado, Antonio.*»

O sr. Affonso Costa respondeu:

«*Amigo. Ahi vão os 18 deputados. Pode ficar com elles alguns dias, que por agora não me são precisos. Affonso.*»

Não sabemos se quando estas linhas forem publicadas esse novo genero de arranjar maioria no Parlamento já terá sido posto em pratica ou não.

Mas ha-de confessar-se que se tal ideia fica em projecto... é uma pena, porque será lamentavel que certo cavalheiro, que todos nós conhecemos, e que tem nos seus bilhetes de visita: *Fulano, deputado democratico*—garantimos a authenticidade,—não possa accrescentar-lhe a tinta: *emprestado por tres sessões ao evolucionismo.*

Bom seria porem que o sr. Almeida tomasse cuidado, porque o sr. Affonso Costa é muito capaz de lhe levar por cada tres deputados emprestados, um senador de juros.

A TODOS CONVEM SABER

Que para se obter agua absolutamente pura é indispensavel fazer uso d'um Filtro Chamberland System Pasteur, o unico capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas. Approvado pela Academia de Medicina de Paris. Academia das Sciencias, «Premio Montyon» Pedir catalogos illustrados a

J. L. MEYRELLES

Depositario para Portugal e Colonias

Rua Nova do Almada, 79, Lisboa

Uma experiencia concludente

A' vista da lucta entre do dois rivaes no dominio do paiz, seria do maior alcance uma providencia adpotada pelo Chefe do Estado estipular que cada um d'elles governasse 6 mezes, sendo depois definitivamente excluido o que com menos provas da sua competencia, — ou ambos — se nenhum d'elles fizesse coisa apreciavel.

As scenas passadas, ha dias, em Lisbôa, a linguagem usada pelos orgãos de ambos os paladinos e a rivalidade com que frenéticamente se acomettem, deprimem o regimen e o paiz.

Teremos por acaso uma sociedade embryonaria, ainda por formar, que não saiba quaes as suas necessidades e aspirações, sem competencia propria para conquistar, uma vida desafogada, que lhe garanta a autonomia e a torne repeitada?

Não somos. Temos um passado longo, de cuja historia resultam as nossas aptidões e se avalia facilmente qual a nossa tendencia.

E tendo aonde exercer a nossa actividade, para que havemos de extenuar-nos em luctas mesquinhas, e que nos não resultam nem honra nem proveito?

Devem conhecer isto os homens anciosos por se pôrem em evidencia na nossa vida social. Supportou-os o paiz durante a propaganda, e agora no encargo governativo, pois ninguem os foi chamar para lhes pedir conselhos. Tornou-os conhecidos a violencia com que atacáram os homens do antigo regimen; accusaram-nos de incompetentes, de perdolarios. Com esse protexto fizeram a revolução em Lisboa por meio do exercito, e no resto do paiz por uma simples communicação telegraphica, a que todos accedêram, para avaliarem os beneficios offerecidos em tantos annos de comicios, de propaganda jornalistica.

Devem por tanto pensar agora, que ainda nenhum d'elles obteu maior beneficio para nós todos; que pela provincia é diminuto o numero dos partidarios do regimen, ao qual convem tornar-se conhecido e apreciado. E ainda lembrarem-se de que o paiz está mal humorado por ver n'elles apenas dois ambiciosos do poder, tornando-se cada vez mais prejudicial o jogo das suas rivalidades.

Portanto — tem de ser inutilidade o de menos merito, e se ambos o não tiverem recolham á vida intima, que o paiz sempre ha de arranjar quem o governe, embora menos progressivamente, mas com mais socego e menos attrictos.

Faça-se a experiencia e liquide-se o assumpto!

DIPLOMATAS

Diz um jornal republicano que a imprensa monarchica tem atacado vivamente o snr. João Chagas, ministro em Paris, n'uma campanha com o proposito evidente de o levar a abandonar aquelle logar.

Não é verdade.

Nós, por exemplo, não atacamos o snr. João Chagas e, muito ao contrario do que diz esse jornal, não desejamos que elle abandone a legação em Paris.

E' nosso parecer que todos os governos devem ter quem os represente dignamente no estrangeiro.

E o snr. João Chagas é sem duvida um digno representante da Republica.

Que se deixe estar em Paris, que está lá muito bem

De resto está provado que, em vista da attitude de certos jornaes francezes e da maneira como o governo francez se mostra disposto a tratar os ministros da Republica, o que convem é que na legação de Paris esteja um ministro que tenha muito bom estomago.

E bom estomago, benza-o Deus!, tem mostrado o snr. João Chagas tel-o.

Não é por lisonja que o dizemos, mas parece-nos mesmo que com melhor estomago não ha nenhum outro diplomata da Republica...

Ah! perdão... Esqueciamos o snr. Lambertini Pinto.

* *

Chronica do theatro

Carlos Alberto. — *Cócórócó*, revista em 3 actos e 12 quadros de E. Rodrigues, Felix Bernardes e Bruno, musica de Pacheco, Del-Negro e Coelho.

Encarrapitado no poleiro da Fama soltou ha tres semanas o seu primeiro Cócórócó, um galito que tres deuses distinctos nos ceus da Luza Graça apanharam na capoeira da Revista. A peça tem alguns trechos bons e quadros de merecimento, como as «chinezas» «viva o...» e «Cócórócó» uma explendida charge ao jornalismo. As tres apotheoses são artisticas, principalmente a do segundo acto. Desempenho. Bastante harmonioso. José Ricardo, no Camponio; Mello, no Fabiano; Ramos Amarante, graciosissimo no Fareja e Pica-Pau, e Mathias d'Almeida no abade. Do elemento feminino, Izabel Fragoso elegante e graciosa na Sombrinha, Gina na menina do album, Accacia Reis, no recitativo «O' tu, como estás tu» e o resto passou. Côros afinados. A musica tem agradado, especialmente a do 7 quadro que está toda ela bem trabalhada. Scenarios e guarda-roupa luxuosos, mis-en-scena muito original e correctissima. E, cremos que, o galito ainda ha-de cantar muitas noites o seu «Cócórócó» no poleiro do Carlos Alberto.

NUNO GIL.

—No dia 4 de janeiro realiza-se a recita de homenagem á gentil artista Cremilda de Oliveira, com a *première* da operetta *Amor de Zingaros.*

Aguia d'Ouro—A revista *Deixa correr...* continua obtendo successo. Entre outros numeros de agrado geral distinguem-se o *Fado chic*, por Helena Guichard, as canções brazileiras, pelo baryto-no Arthur de Castro e a canção *Moedeirinha*, por Simões Coelho, que é uma engraçada charge á canção da *Moleirinha.*

Sá da Bandeira — As encantadoras operettas allemãs — *Eva, Dama Roza, Mulher Moderna* e *Manobras d'Outono*, do reportorio da companhia Gomes & Grijó, têm chamado grande concorrencia a esta casa de espectaculos.

—Entrou em ensaio a operetta *O soldado de chocolate*, peça que em Lisbôa tem alcançado grande exito.

ANNUNCIOS

CASA ROCHA

Armazem de artigos de verga e palha

(Antiga casa do Chalet do Bolhão)

Cadeiras e cestas da Ilha da Madeira

73, Praça do Bolhão, 74 — PORTO

AOS MONARCHICOS

Tenho em deposito grande variedade em papel de carta com facha azul e retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manoel II, lapis azul e branco, berloques para pulseiras, argolas para guardanapos com a linda bandeira azul e branca, botões para punhos, passe-partouts com retrato e bandeira, chatelaines, lindos distinctivos com bandeira e retrato, photographias em ponto grande com retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II e do Senhor D. João de Almeida.

Grande variedade em Postaes com os ultimos retratos de Suas Magestades a Senhora D. Amelia e o Senhor D. Manoel II, Sua Alteza o Principe D. Affonso e os snrs. Azevedo Coutinho, Ayres de Ornellas, dr. Annibal Soares, Alvaro Chagas, Paiva Couceiro, dr. José A. C. Branco e muitos outros artigos.

Preço com grande desconto aos revendedores.

Todos estes artigos pagam os direitos alfandegarios com ordens superiores; por essa razão não podem ser **apprehendidos**, pois são objectos de meu commercio.

Pedidos a

J. Monteiro Pereira

Rua do Loureiro, 72 — PORTO

ALFAIATARIA

GONÇALVES, FILHO

RUA FORMOSA, 252 PORTO

Sortido completo de fazendas nacionaes e estrangeiras
Executa-se todas as obras no mister

Garante-se ser esta casa a que mais barato vende e mais barato confecciona

Rapidêz na execução de todas as encommendas

COLCHOARIA UNIÃO

513, Rua Fernandes Thomaz. 515

PORTO

Casa fornecedora da Cooperativa Militar de Lisboa

Esta casa, uma das que prima em melhor corresponder aos favores do publico que a prefere.
Encarrega-se da

Reforma de colchões usados

O socio gerente,
Ludgero Malheiro

Nota:—Não confundam, esta casa com outra proxima, e exijam (para evitar abusos) a factura do que comprem, com o titulo de

COLCHOARIA UNIÃO

L. Malheiro & C.ta

513, R. Fernandes Thomaz, 515 **PORTO**

V. Pinto de Faria

Commissões, Consignações e Conta propria

R. de D. Pedro, 110—2.º PORTO

Acceita representações de casas nacionaes e estrangeiras

PAPEIS DE CASAMENTO

Arranjam-se com a maxima rapidez e economia,

NO

ESCRIPTORIO DA

Capella de Fradellos

PORTO

JOAQUIM LEITÃO

O DIARIO DOS VENCIDOS

1 VOLUME DE 300 PAGINAS

Á venda nas principaes livrarias

CASA DOS LINHOS

ARTIGOS PARA BORDAR

Raphael Pereira dos Santos

Fornecedor dos principaes Collegios do Paiz

288-Rua de Fernandes Thomaz-290

PORTO

N'este estabelecimento encontra-se enorme sortido de pannos de linho e atoalhados.

Artigos para collegios e enxovaes

Enviam-se amostras para a Provincia

EXECUÇÃO RAPIDA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A sahir do prelo

NA GUINÉ

POR

Frederico Pinheiro Chagas

2.ª edição—1 vol. illustrado com retratos do autor e de outros officiaes que se bateram na Guiné, em 1907 a 1908, gravuras e mappas da campanha.

Preço, brouch. — 800 reis

Tendo-se exgottado a 1.ª edição do volume em que

Frederico Pinheiro Chagas

narra a campanha da Guiné, de 1907-1908, na qual tomou parte o honrado official da armada, está no prelo a 2.ª edição.

ALBANO RAMOS PAES

CASA DE MODAS E CONFECÇÕES

Rua do Coronel Pacheco, 3—PORTO

Telephone, 393 End. telegr. **Novidades**

Sortido completo em todo o genero de tecidos para vestidos de passeio e vesita.
Especialidade em tecidos para toilletes de cerimonia.

Unica casa que tem sempre as ultimas novidades em guarnições para vestidos.
Enxovaes para casamento, para o que tem pessoal habilitadissimo.

Atelieres de vestidos e roupa branca

Empreza Nacional de Navegação

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama, e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85 — LISBOA

Magalhães & Moniz, L.da

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencias e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações

Correspondentes em todo o mundo

CASA FUNDADA EM 1873

11 — Largo dos Loyos — 14 — PORTO

Atelier de Roupa Branca

M. d'Aguiar Leitão

Proprietaria e directora:

Marqueza Isabel d'Aguiar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca para homem, senhora e creança

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora

(ESPECIALIDADE D'ESTA CASA)

Enxovaes para casamento .*. Enxovaes para baptisado

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22 — PORTO

(Á entrada da R. de Santo Ildefonso)

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabrica todos os artigos para confecção de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

RUA DE D. PEDRO, 110—2.º **PORTO**

VIDRARIA MODERNA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Augusto Gomes dos Santos

Completo sortido em louças, vidros, crystaes, molduras e outros artigos proprios para brindes

Telephone, 1139

Rua Sá da Bandeira, 195 a 199—PORTO

AGENCIA DE LEILÕES

DE

Antonio Coelho Relvas

Rua do Bomjardim, 494

(Proximo á rua Fernandes Thomaz)

Encarrega-se de fazer leilões em casas particulares, tanto no Porto como nas provincias. Recebe moveis á comissão para serem vendidos em leilão no seu bazar na rua do Bomjardim, 494.

Seriedade nas transacções.

O agente, *Antonio Coelho Relvas.*

VINHOS

DAS

QUINTAS DO CABO TRANCADA E MATTINHO

EM

Santa Martha de Penaguião (DOURO)

PROPRIEDADES DE

Augusto Anthero de Magalhães

ENCOMMENDAS:

Recebem-se no Largo dos Loyos, 12 **Telephone, 584**

"ADESIVOS E MAKAVENCOS,,

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

"AU BON MENAGE,,

81, R. de Cedofeita, 85 **Teleph. 942--PORTO**

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, lã, crina, e summauma

Unica colchoaria no Porto que possue um bem montado serviço de esterilisação e desinfecção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,

Julião D. Monteiro